

MOBILIÁRIO LUSO BRASILEIRO

por Gustavo Barroso

Separata do Vol. I, 1940, dos "Anais do Museu  
Histórico Nacional", do Rio de Janeiro.

## MOBILIÁRIO LUSO BRASILEIRO

A arte, quando verdadeiramente *nacional* — doutrina um grande mestre — sai das entranhas dum povo, é, por inspiração coletiva, a expressão dum gênio próprio e retrata as idéias, os sentimentos, as instituições e os costumes duma época, duma nação, duma civilização. Quando a arte resulta de empréstimos, de juxta-posições mais ou menos felizes ou harmoniosas, provenientes de inspirações não mais coletivas, porem simplesmente individuais, sob o patrocínio de soberanos ilustres, faustosos ou amantes do belo, deixa de ser *nacional* para ser simplesmente *real*. E, quando a inspiração individual não encontra a proteção desses Mecenas para lhe dar um cunho soberano, a arte é mera *adaptação dum estilo*.

Até o Renascimento, a arte, da arquitetura ao mobiliário, é *nacional*: inspiração coletiva — realização coletiva. Todo um sistema de idéias e instituições contribue para seu florescimento. Diz-se, porisso, *arte egípcia, arte grega, arte romana, arte românica, arte bizantina, arte gótica, arte do Renascimento*. Mas os ramos ou dialetos artisticos que se esgalham deste último tronco levam já nomes caracteristicamente limitados a uma especialização ou a personalidades: *Barroco, Rococó, Henrique II, Luiz XIII, Luiz XIV, Regência, Luiz XV, Luiz XVI, Diretório, Império, etc.* E as adaptações são designadas por nomes ainda de menor significação, menos ilustres, às vezes de simples fabricantes de moveis, *verbi gratia*: *Chippendale, Duncan, Biedermeier, etc.*

Tendo em vista esses postulados, não é possível admitir no Brasil nenhum *estilo colonial*, nem na arquitetura, nem no mobiliário. Os que afirmam o contrário tomam para ponto de partida elementos secundários, como sejam adaptações locais, estilizações dum ou doutro motivo da fauna ou da flora e deturpações, que, muito pouco influem nas linhas mestras e fundamentais das peças artisticas. Alegra-me ter José Mariano, claro espírito de pesquisador de nossas coisas antigas, servido por invulgar erudição no assunto, chegado a essa conclusão, que esbocei uma feita, no ano de 1920, em artigo estampado no *O Jornal* sob o título *Arte Nacional*.

O que é verdade quanto à arquitetura tem de ser logicamente verdade quanto ao mobiliário, porque este nasce daquela e nunca houve criação de moveis que se não inspirasse na edificação. O movel é a arquitetura interior do imovel, é a arquitetura reduzida.

Pode-se dizer que os *estilos reais* no mobiliário nascem em França com os Henriques e se desenvolvem com os Luizes. Nos Henriques, Renascimento puro. Com Luiz XIII, Renascimento deturpado. O Luiz XIV, pesado e grave, denota ainda uma certa unidade do espirito humanista que seus sucessores quebrarão. O Regência marca a transição desse estilo ainda bastante masculino



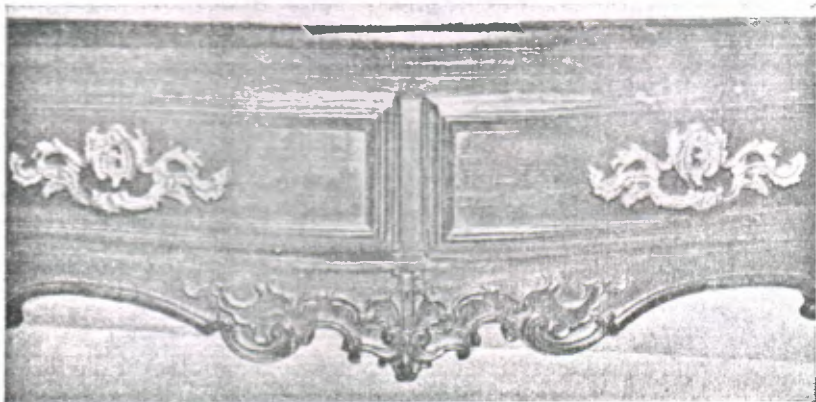
Mesa em estilo D. João V, de linhas singelas, 1.ª fase. Das coleções do Museu Histórico.

para o Luiz, XV, filho do Rococó, em que triunfa a graça feminina e o capricho, de envolta com a *chinoiserie*. Com o Luiz XVI, se esboça uma reação em favor dos modelos antigos e clássicos. É um estilo elegante e temperado, diz Emile Bayard. O *Directorio* ou *Messidor* acelera essa reação que culmina nos tipos greco-romanos do Império, improvisação acadêmica, mas típica e solene.

Em Portugal, o *Rocaille* ou *Rococó* denomina-se D. João V. A observação dos moveis dessa época (reinado de 1706 a 1750), que corresponde à de Luiz XV (1710-1774), nos aponta iniludi-



Mesa de encostar em estilo D. João V, 2ª fase, com a ornamentação em concheados. Das coleções do Museu Histórico. Jacarandá com puxadores de metal.



Formenior da ornamentação em concheados da mesa anterior.

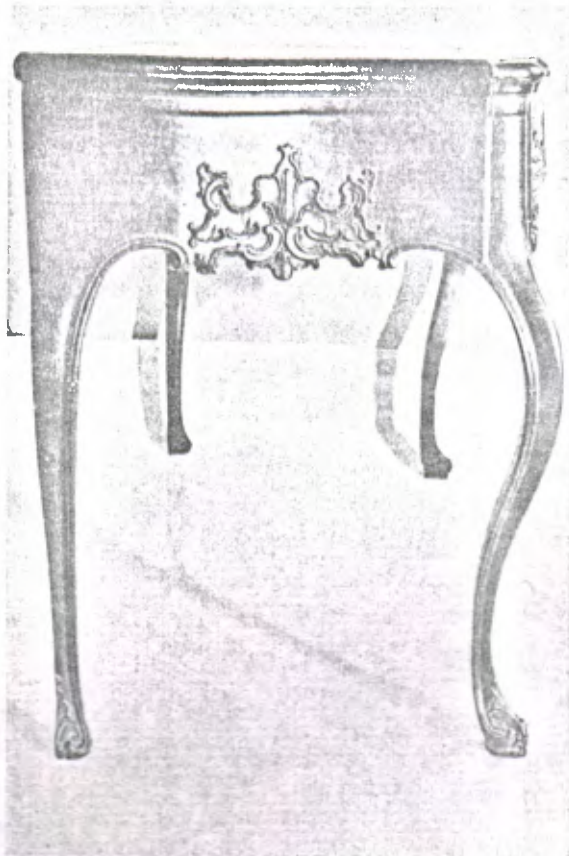
velmente quatro fases ou manifestações reconhecíveis : uma, em que as linhas sinuosas tão características se apresentam singelas, sem a menor ornamentação ; outra, em que a ornamentação de concheados enxamea em todas as partes dos moveis ; outra, em que os concheados são substituídos por grinaldas de flores miudas, cujos exemplares são raros ; e, finalmente, uma quarta, em que aos concheados e flores miudas sucedem margaridas em ramos mais ou menos longos. Em todas essas fases, as linhas gerais características se mantem sem discrepância. Na primeira e na última, os pés de cadeiras, mesas, cômodas, etc. são simples prolongamento dos ornatos curvilíneos das pernas, das volutas graciosas. Nas duas intermediárias, ocorrem pés de garras de ave de rapina ou de leão, às vezes montados sobre bolas.

Serão os moveis dessas quatro fases todos eles *D. João V* ou correspondem às duas ultiores aos reinados de seus sucessores, como querem alguns: a das flores miudas ao período *Pombalino* ou de *D. José I* (1750 — 1777), equivalendo ao *Regência* francês; e a das margaridas ao de *D. Maria I* (1777 — 1792, quando enlouqueceu)? Tenho a impressão pessoal pelo que observei em Portugal e no Brasil que essas quatro adaptações dum mesmo estilo fundamental, o *D. João V*, correspondem, quando muito, às duas primeiras ao reinado de *D. João V* e às duas últimas ao de *D. José* ou somente à última a este. E' possível que tambem a última seja contemporânea do reinado de *D. Maria I*. O estilo que, em Portugal, se chama *D. Maria I* não é mais do que o apor-tuguesamento do *Luiz XVI*, com grande influência inglesa, através dos marceneiros britânicos daquele reinado, cujos nomes aliás são sobejamente conhecidos. Ele se distingue pelos medalhões ovais ou por linhas retas, grinaldas, motivos ornamentais embutidos. Nele, o jacarandá, o pau preto, quase desapareceu, substituído pelo acajú e outras madeiras de coloração avermelhada, e os embutidos surgem no mobiliário português como característico especial. Os de marfim denotam a influência indú.

Querem, como querem alguns, que o estilo Império com feição abasileirada — e veremos adiante as razões disto — seja denominado *D. Maria I* e considerado nosso é avançar demasiado. *D. Maria I* começou a reinar em 1777 e enlouqueceu em fevereiro de 1792, no teatro de Salvaterra. Dessa data em diante, governou em seu nome o príncipe regente *D. João*, o qual, por sua morte, em 1816, foi aclamado e coroado rei no Rio de Janeiro, com o nome de *D. João VI*. *D. Maria* veio louca para o Brasil em 1808. O estilo Império nasceu com Napoleão, imperador, segundo uns, com Napoleão, consul, segundo outros. Na primeira hipótese, depois de 1800 ; na segunda, depois de 1804. Em ambas, já estava louca e fora do governo a rainha. Que influência poderia ter uma

soberana sem juízo sobre o mobiliário de seu tempo? Se influência real tivesse havido, essa seria de D. João, príncipe e de D. João rei. Rotular, pois, como estilo D. Maria I o estilo Império adaptado, ou, melhor, feito no Brasil é um contrasenso.

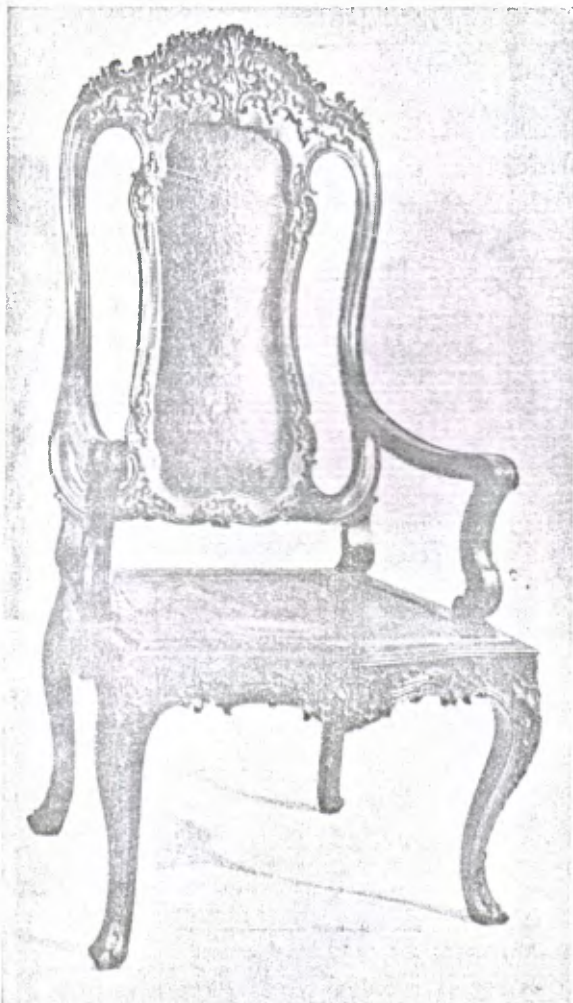
O chamado estilo *Diretório* ou *Messidor*, que antecedeu o Império e foi intermediário entre este e o Luiz XVI, não é propriamente um estilo, mas "une manifestation reconnaissable, dans le meuble du moins", doutrina o conceituado autor de "Le style Empire". Seus ornatos em bronze ou embutidos e entalhados são revolucionários ou maçônicos: lanças, feixes litóricos, barretes frígios, serpentes, grinaldas de carvalho, o olho da Razão dentro do triângulo, mãos fraternais em amplexos, níveis como sím-



Pormenor lateral da mesa anterior. É admirável a finura do entalhe na parte superior e nos pés.

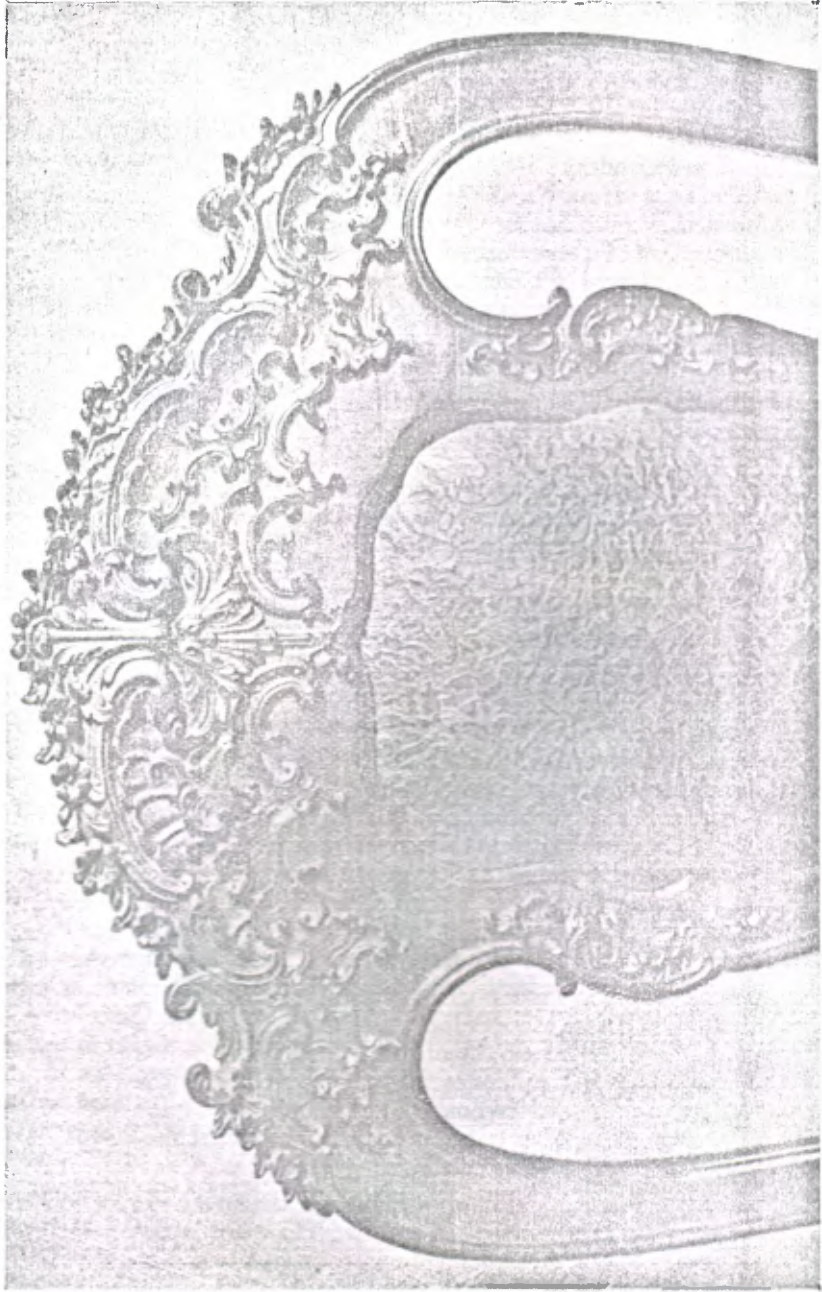
bolo da igualdade, as tábuas da lei, o galo dos antigos Celtas, o arado, os troféus de armas. Nas linhas fundamentais, conserva os módulos e formas do reinado borbônico anterior. Define-o um autor: "um Luiz XVI com símbolos revolucionários". Os leitos chamam-se à *Federação* ou à *Revolução*, as cadeiras são *etruscas*, as poltronas à *antiga*, os sofás *patrióticos*, os candelabros *chineses*, as cadeiras em *gôndolas*, as mesas *egípcias* e muitas *margaridas*, as mesmas características do Luiz XVI e que encontramos na última

manifestação do nosso D. João V. Abusa-se do recortado, sobretudo nas cadeiras, como o *chipping-deal* inglês, que deriva dele. Os pés são em pinha, em ponta, em pião, em bola, em cone truncado. Esboça a reação contra a transformação regressiva do Barroco ao Rococó, com a volta ao antigo, ao clássico, embora conservando ligeiro perfume do Luiz XVI, raiz dessa reação.



Poltrona de Jacarandá do antigo Conselho de Fazenda. Existem duas: uma no Museu Histórico, outra nas coleções do Dr. Eptácio Pessoa. Estilo D. João V na 3.ª fase ou estilo Pombalino? O concheado quase desaparece sob a ornamentação de flores miúdas, em arrecadas e grinaldas.

O pintor Luiz David, verdadeiro ditador em matéria de arte do fim da Revolução ao período napoleônico, foi o criador intelectual do estilo Império, sem nada de original, volta ao antigo, com inspiração antiga, mais grega do que romana. Daí o comentário dum crítico: "La décoration intérieure et extérieure des bâtiments, les meubles, les étoffes, les bijoux de toute espèce, tout est à Paris à la grecque". A influência preponderante de David na criação do estilo Império está documentada neste trecho: "Jusqu'à David, effectivement, les meubles des maisons, même les plus opulentes de Paris, étaient



Poltrona do antigo Conselho de Fazenda. É maravilhoso o trabalho de talha.



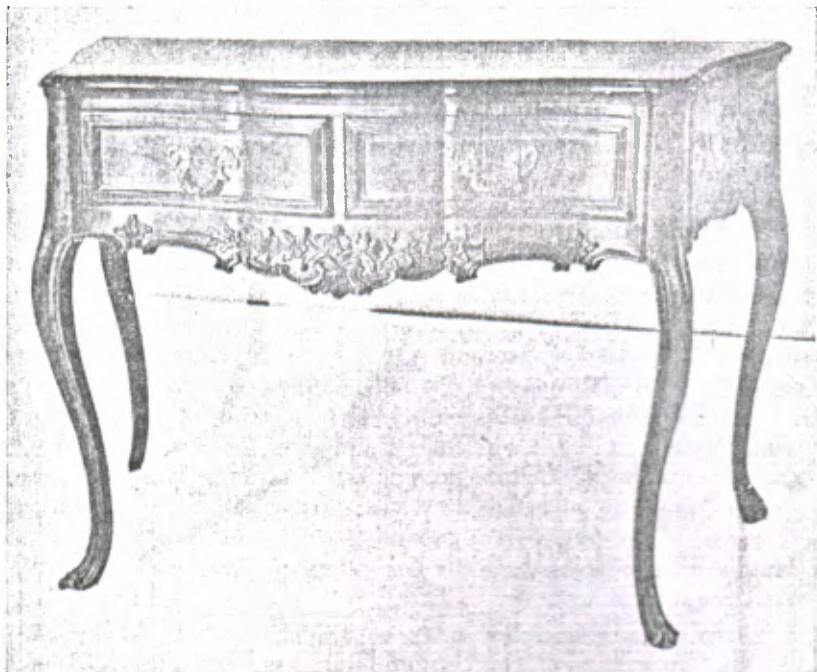
encore fabriqués dans le goût de ceux de Louis XV et de Marie Antoinette, et, chose singulière, ce furent les meubles d'atelier du peintre des Sabines, modèles exécutés seulement en vue de ses tableaux, que la mode adopta".

Em geral, se admite que os arquitetos Perrier e Fontaine foram os criadores do estilo Império; mas a verdade é que ele veio para a arquitetura através de David e o movel, nesse caso, precedeu o edificio, prova insofismavel do carater ficticio desse estilo, que nada tem de francês, que é romano e grego, reto, frio e pomposo. Em 1799, tinham-se feito as primeiras excavações em Pompéia; mas seus resultados só foram publicados de 1813 em diante, quando os elementos pompeanos intervieram na decoração interior do estilo Império. E' bom não esquecer que Percier e Fontaine, apelidados em Paris os *Etruscos*, começaram sua carreira como desenhistas de moveis para a famosa fábrica de Raul Rochette.

Até nas designações das várias peças do mobiliário Império se invocava a Etrúria, Roma e a Grécia. O sofá era *paphos*; o espelho, *psyché*; a espreguiçadeira, *otio*; a mesa de cabeceira, *sono*; o lavatório, *lávabo*; a cadeira de encosto curvo, *gôndola*; o canapé alto, como o de Madame Récamier no celebre retrato feito por David, *meridiana*; a poltrona, *cadeira curul*. Parece que uma única peça tinha nome francês: o assento de braços sem encosto, que se denominava *chauffe-dos*.

A decoração seguia a mesma senda: entrelaços denticulados, gregas, acantos, cariatides, esfinges, lotus egípcios, setas, carrancas de leão, grupos mitológicos, liras, aguias, N.N. coroados, grifos, cabeças humanas, losangos, carcazes, vitórias, cisnes, grinaldas circulares, palmas como as dos acrotérios helênicos, pequenas rosáceas e palmetas "esquemáticas e rígidas", de origem dórica que só desaparecerão no estilo Restauração. Tudo isso em bronze e excessivamente simétrico sobre faces de madeira lisa, polida e escura, na maioria negras e avermelhadas. Os pés dos moveis, também com guarnições de bronze, em bolas ou lotus fechado, como se vê no Palácio Beauharnais ou no Castelo de Compiègne; em pino, em quadrado, em cachimbo ou com saliência; em forma de pés humanos, de patas de fera, de garras de ave de rapina; ou, ainda, largos, bojudos, os mais altos, em jarro, em urna e em lira. Estes de madeira guarnecidos de bronze nos gargalos, nas asas e nas cordas.

Os ornatos entalhados haviam desaparecido com o estilo Luiz XIII. Os ornatos em bronze cinzelado, menos quebradiços, mais luxuosos e duráveis, substituíram-nos desde o estilo Luiz XIV e chegaram ao apogeo com o Império. Dinastias de cinzeladores de bronze levaram no correr dos tempos essa arte à perfeição, desde



Mesa de encostar em jacarandá entalhado das coleções do Museu Histórico. Ornamentação de ramos de margaridas. Estilo D. João V na última fase ou D. Maria I na primeira fase?



Formenor da ornamentação da mesa anterior. O concheado desapareceu completamente. As volutas tem uma graça e uma beleza únicas.

Boule e Bernard até Jacob e Léger, passando por Lignereux, Burette, Raxalon, Neckel, Delaroche, Hauré, Martincourt, Hervieux, Prieur, Duplessis, Charité, Vinsac, Gouthière e Thomire. Em nenhuma outra parte da Europa surgiram artistas do movel e do bronze desse jaez. Porisso, eles forneciam a Espanha e Nápoles, a Rússia e a Inglaterra.

O estilo Império transcrito para a Inglaterra e daí para Portugal perdeu a ornamentação em bronze, naturalmente por falta daqueles cinzeladores e também pela sobriedade do gosto. Lá uma ou outra mesa de abas, para jogo, como se vê nas coleções do Museu Histórico, apresentam pés em garra, de latão. Empobrecceu-se, conservando as linhas tradicionais, alterando este ou aquele elemento e substituindo as cantoneiras, arrecadas, placas e demais ornatos de metal por entalhados singelos de madeira, não mais carrancas, cabeças, deuses mitológicos e figuras de difícil entalhe, porem caneluras, chanfrados, curvas em serpentes e colo de cisne, rosáceas e sobretudo as *palmetas típicas*, tão apreciáveis nos tecidos da época imperial e nos painéis das portas do Castelo de Compiègne.

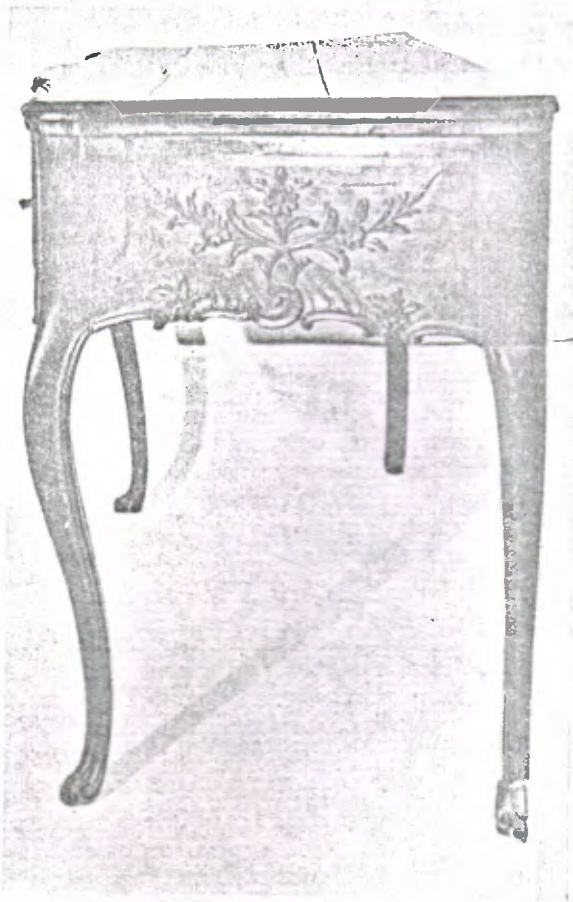
Isto já havia sucedido nas várias manifestações do D. João V, em que a ornamentação é entalhada, enquanto em França o bronze dominava. Das palmetas clássicas gregas do Império nascem, na decoração dos nossos moveis, já deturpados do modelo primitivo, as rosáceas e os cantos *em leque*. E' possível uma intercorrência oriental nessa transmutação. Desaparecendo os bronzes das travessas longitudinais e dos pés largos, em jarro, alguma coisa haveria de suceder-lhes e daí os torcidos e os canelados, os enroscados e os gomos.

Querer que tais modificações de pormenor caracterizem como D. Maria I ou Colonial Brasileiro, o que não passa de adaptação às madeiras, recursos e artifícios do meio do estilo Império, é coisa que seriamente não se pode levar em conta. Que se crisme a adaptação como D. João VI ainda seria concebível; mas como D. Maria I não, pois já não governava mais nem o juízo nem os povos anos antes do estilo Messidor que precedeu ao Império. Este não corresponde no tempo àquela soberana.

Não importa que os americanos a um mobiliário similar denominem *Duncan*. Não será por isso que deixará de ser Império. Suponhamos que um viajante perca um cofre gótico no meio de qualquer tribu bárbara. Anos depois, encontrando artefatos copiados, ingenuamente, barbaramente, daquele estido, poderá dizer que os pobres copiadouros criaram um estilo? Se a imitação for boa, continuará a ser gótica; se for má, será um gótico degenerado.

O que há de fato nos moveis feitos no Brasil durante o período colonial, do século XVIII ao XIX, é um certo sabor brasileiro, leve manifestação que não perturba o ritmo das linhas fundamentais: frutos da terra nos moveis pernambucanos; garras altas sobre esferas nos da Baía, traindo o gosto inglês; decoração losangular nas arcas de ximbó, em Minas, o que não passa da simplificação das almofadas. A expressão brasileira no mobiliário é meramente local e superficial, sem característicos suficientes de estilo próprio. Sair disso é cair no exagero ou falsear a verdade para demonstrar teses pessoais, sem critério científico no exame da questão. Além disso, os tipos de mobiliário como os de indumentária e todas as criações da moda, devido à longa distância e a navegação a vela, somente podiam chegar ao Brasil com bastante atraso. Se em França, em plena eclosão do Mes-

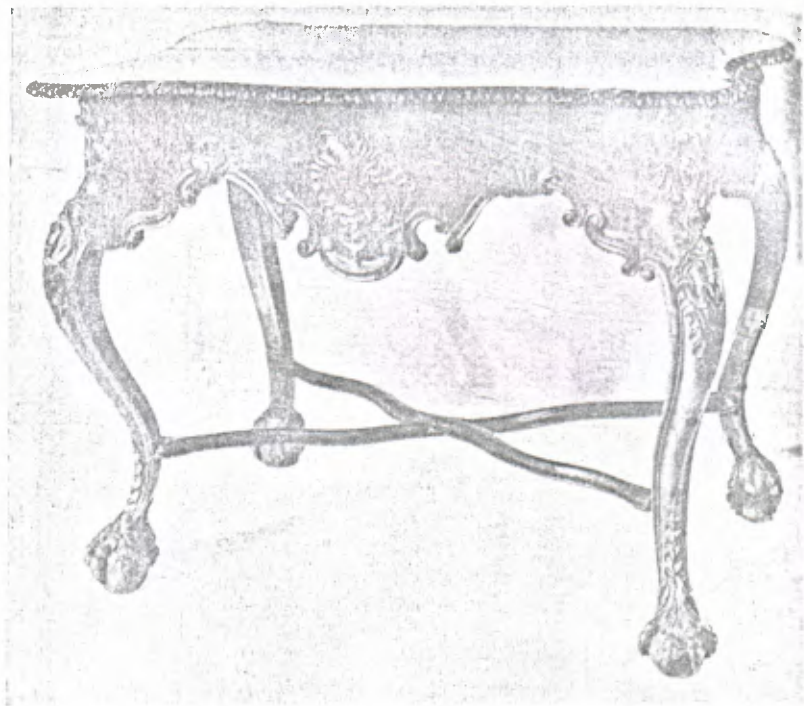
sidor, as casas estavam alfaiadas à maneira de Luiz XVI e de Luiz XV, como querer que no Brasil, onde a pobre rainha louca chegou em 1808, o estilo Império, nascido com Napoleão, imperador, já tivesse foros de cidadania. Napoleão fora coroado em 1804. Na verdade, o estilo D. Maria é o que sempre foi: o Luiz XVI



Formenor lateral da mesa anterior. Os ramos estão cruzados. A voluta é assimétrica como no estilo Luiz XV.

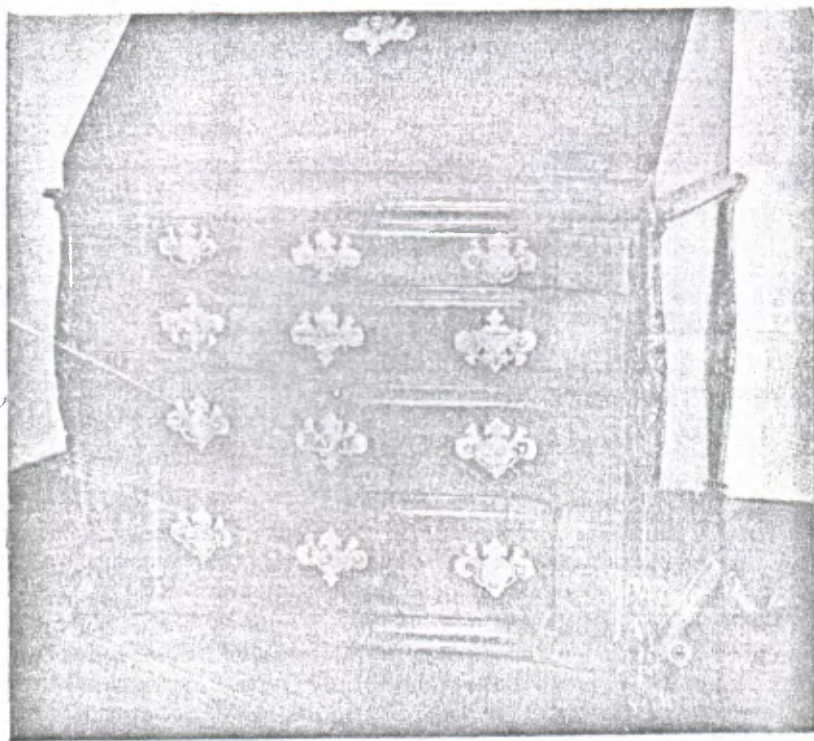
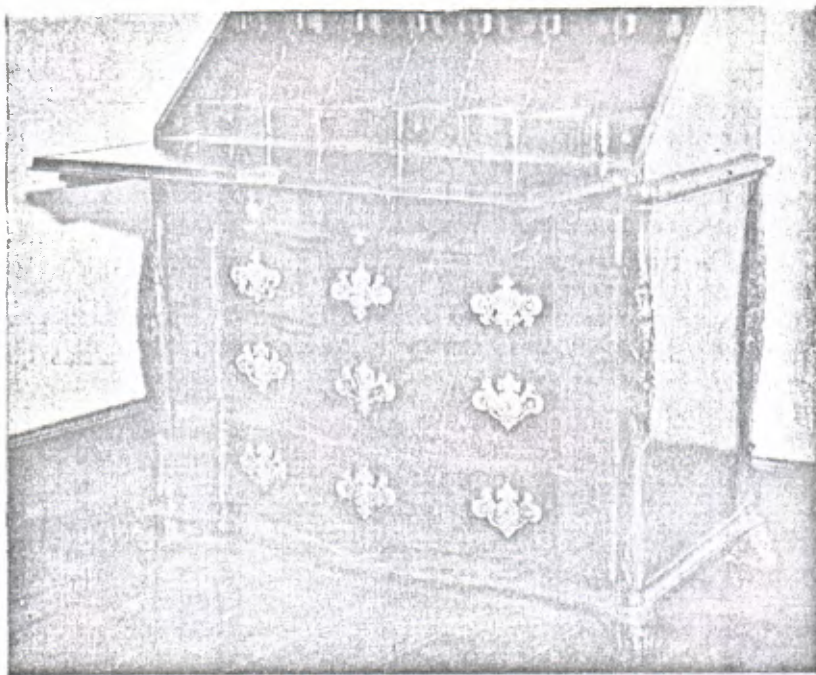
traduzido em português, às vezes através do inglês. Deixemo-nos de inovações sem base e simplesmente caprichosas.

Outro carapetão que vai por aí fora tomando visos de verdade, à força de repetido, é o apelido *manuelino* dado aos moveis de bolachas, tremidos e torcidos, tão apreciados em Portugal e no Brasil: altos contadores, bufetes, mesas torneadas, cadeiras de grande espaldar de couro pagueado, camas de bilros, traindo



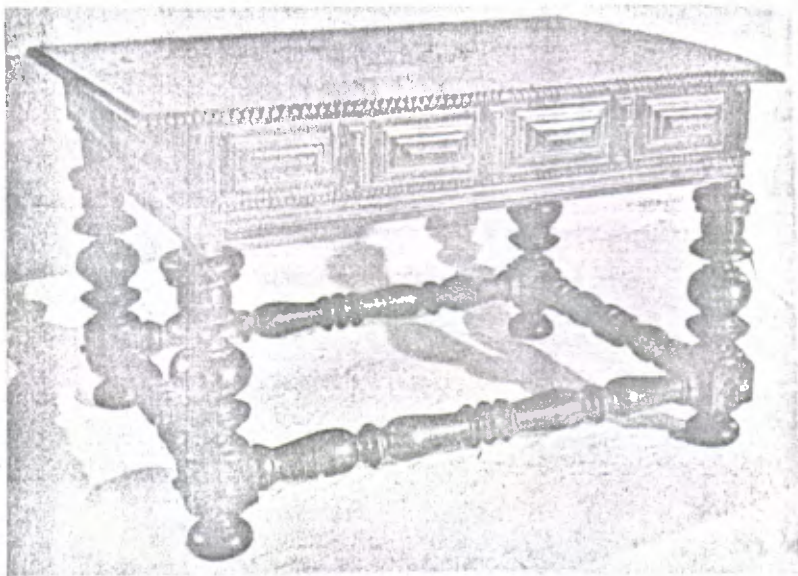
Mesa de jacarandá entalhado. Estilo D. João V sobrecarregado. Pés em garras sobre bolas e travessões ondulados traindo a influência inglesa. Fabricação baiana do século XVIII. Da coleção Miguel Calmon no Museu Histórico.

primeira vista a influência indiana. Esses nada tem nem poder de manuelinos. A confusão naturalmente se origina dos torcidos e cordões espiralados que lembram os cabos de *marear*, tão multiplicados nas molduras da arquitetura de D. Manuel. No entanto, esse elemento decorativo no mobiliário não é absolutamente o cabo ou a corda, e remonta à influência moirisca do mobiliário do século XVI. É uma sobrevivência.



Papeleira D. João V, em jacarandá entalhado (fechada e aberta), com ornamentação singela e pés em volutas. São essas volutas que se transformam em garras. Fabricação baiana. Da coleção Miguel Calmon no Museu Histórico.

D. Manuel, o Venturoso, subiu ao trono em 1495 e morreu em 1521. Reinou, por conseguinte, do último lustro do século XV até o início da terceira década do século XVI. Ora, os estudos do mobiliário em Portugal nos ensinam que tremidos, torcidos e bolachas caracterizam os moveis do século XVII. Basta consultar a obra de Alfredo Guimarães sobre o "Mobiliário Artístico Português" ou "O nosso mobiliário" na "Enciclopedia pela Imagem" para não estar alinhando autores e obras. Há quem denomine esses moveis *filipinos*, no que vemos mais razão do que nos os chamam *manuelinos*.



Magnífica mesa em jacarandá, toda feita a mão. Século XVII. Almofada, bolachas, torneados e enrolados nas bordas com semelhança de cabos. Época dos Filipes e de D. João IV. Renascimento com influências hispano-moáriscas. Das coleções do Museu Histórico.

Até meados do século XV, em Portugal se usou o mobiliário medieval com estas ou aquelas influências românicas, góticas, moáriscas, mudejares e limosinas. No século XVI, época do apogeu do reinado de D. Manuel, os moveis são singelos, em geral baixos e acentuadamente influenciados pelo gosto mosárabe, que predominava na Península. Nesse século, inicia-se o povoamento do Brasil e a pobreza do meio e da vida não permite confortos e muito menos luxos no mobiliário. Os torneados surgidos no século XVII em Portugal, quando D. Manuel, o Venturoso, já repousava

na paz do Senhor, não poderiam ter chegado antes às nossas plagas. Como e por que, então, apelidá-los *manuclinos*? Filipinos vá lá. Eles atingem o apogeu no reinado restaurador de D. João IV, de 1640 em diante.

E' conveniente desfazer essas deturpações históricas de inovadores que pretendem achar nos documentos concretos não o que eles exprimem, mas o que sua fantasia deseja. Razão de sobra tem o Sr. Lucio Costa ao afirmar que, em matéria de mobiliário brasileiro, só o material era brasileiro e os artistas lusos. De fato, os próprios artistas nascidos aqui se inspiravam nos modelos da Europa. Nos debates da conferência do Sr. Clado Ribeiro Lessa sobre "Mobiliário Brasileiro dos Tempos Coloniais", publicados na revista "Estudos Brasileiros", o erudito Sr. José Mariano encerrou essa questão, afirmando categoricamente: "Evidentemente, *nunca houve um mobiliário colonial*; houve vários dentro do fenômeno sociológico da fase colonial brasileira. O mesmo ocorre com respeito à arquitetura: *nunca houve uma arquitetura colonial brasileira, mas muitas*".

Não lhe gateio os aplausos.

GUSTAVO BARROSO  
(*Conservador Cl. L.*)

DIRETOR DO MUSEU HISTÓRICO  
*Professor de História do Brasil e Técnica de  
Museus do Curso de Museologia)*



Ojeuido maudo da  
sua vinta a fre em  
9/2/1976

HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO BRASILEIRO

Prof. Tilde Canti

CLASSIFICAÇÃO DO MOBILIÁRIO

- 1 - Segundo sua origem
  - 1.1 - português
  - 1.2 - luso-brasileiro
  - 1.3 - brasileiro
  - 1.4 - regional
  
- 2 - Segundo seu uso
  - 2.1 - de guarda - caixa, caixão, arca, baú, armário, escritório, cômoda, cômoda-papeleira, etc.
  - 2.2 - de descanso - assentos, cadeiras, bancos, etc.
  - 2.3 - de repouso - leito, cama, catre, caminha, preguiceiro, etc.
  - 2.4 - de utilidade - bufete, mesa, etc.
  - 2.5 - de luxo - espelhos, etc.
  - 2.6 - sacro ou conventrial
  
- 3 - Segundo sua estrutura e decoração
  - 3.1 - retos e lisos
  - 3.2 - retos e torneados
  - 3.3 - com elementos curvos
  - 3.4 - híbridos e tardios
  
- 4 - Segundo a técnica de execução
  - 4.1 - rústico - popular de tradição artesanal de fabrico local.
  - 4.2 - semi-rústico - com elementos eruditos, de inspiração citadina ou palaciana - versão rústica de estilos -
  - 4.3 - de tradição artesanal local, entretanto de execução apurada - móveis regionais -
  - 4.4 - eruditos - palacianos e citadinos.

## HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO BRASILEIRO—RESUMO DO S. XVIII

### Evolução dos pés e pernas de mobiliário do Século XVIII no Brasil

#### Estilo barroco: entalhe alto em conchas e folhas de acanto.

##### Primeira Metade do Século XVIII

Pernas em cabriole-leg em S ou de curva e contra-curva, de joelheira entalhada ou não de saída brusca

- a) Pé de bolacha (club foot) do estilo inglês Rainha Ana; e pés de bolacha com sapata (x): do período de transição do estilo nacional português para o estilo D. João V em Portugal.
- b) Pés de biqueira sobre sapata. (Prancha XIX nº 18)
- c) Pés espatulados ou "cabeça de cobra" ou "víbora"
- d) Pés de "garra e bola" ou de "pata e bola" de influência inglesa (na Inglaterra, a partir aproximadamente de 1710). (nºs. 4 e 6)
- e) Pés entalhados com folha de acanto ou outro detalhe com ou sem sapata (geralmente de entalhes dourados em Portugal)—(nºs. 3, 7, 8 e 9)
- f) "Pés de sapata" como se chama em Portugal o pé imitando um sapato

#### Estilo rocaille: entalhe raso.

##### Segunda Metade do Século XVIII

Pernas em S de curvas suaves (galbée) com joelheira ou lisa ou entalhada. Depois de 1770, podendo ter uma quina viva descendo da aba até os pés, e às vezes subindo nas quinas dianteiras (em ponta). Dos lados da perna, comumente há um friso descendo desde a aba e terminando no meio da perna ou nas volutas dos pés.

- a) Pés de voluta sobre sapata (em Portugal chama-se de "pé de cachimbo) ou o "pé de cabra" (influência Chippendale). (nºs. 13 e 14)
- b) Pés de volutas e entalhes sobre pequena sapata, está às vezes, arredondada ou "pé à francesa".
- c) Pés enrolados ou enrolados em volutas. (nº 9)
- d) Pés boleados e pés de burro (nº 20)

(x) Sapata: a parte inferior de certos moveis que apoia no solo ou sobre pequenos pés. Adoto esse vocábulo no sentido genérico para os suportes de certos pés de cadeira, mesas, etc. do Século XVIII, apesar de em Portugal chamar-se "pé de sapata" a um pé de móvel com forma de sapato.

Estilo neo-classico

Fins do Século XVIII

Pernas retas afinando para baixo, de corte quadrangular ou torneadas, lisas ou com caneluras. Influenciada pelo estilo Luiz XVI.

Além desses tipos de pernas e pés, há algumas variantes locais e outros de interpretação rústica. (Prancha XIX).

Evolução do espaldar, tabela e cachaço das cadeiras do Século XVIII no Brasil.

Período barroco: de influência inglesa.

Do segundo ao terceiro quartel do Século XVIII

Espaldar em:

- a) molduras laterais retas ou promadas;
- b) molduras ou montantes laterais com pequenas ondulação para trás;
- c) molduras ou montantes encurvados com uma quebra em baixo, terminando do retas;
- d) molduras ou montantes encurvados com mais de uma quebra;
- e) molduras ou montantes só ondulados (de meados ao terceiro quartel);
- f) molduras retas, afinando e abrindo para cima no estilo Chippendale (do terceiro quartel do século).

Tabela:

- a) lisa, recortada em formas diversas descendo até o assento; do segundo terço do século;
- b) lisa, recortada, terminando em uma travessa reta ou ondulada, no Brasil em meados do século. Quando apresenta molduras laterais onduladas, do terceiro quartel do século;
- c) estofada: segundo e último terço do século;
- d) vasada, descendo até o assento (terceiro quartel);
- e) vasada, entalhada, descendo apenas até a travessa da parte inferior do espaldar (terceiro quartel);
- f) vasada, recortada em fita, em estilo Chippendale (terceiro quartel).

Cachaço

- a) estilo típico português com entalhes vigorosos: primeira metade do século, concheados e volutas, guislandas, em meados do século;
- b) de influência inglesa com alguma característica portuguesa:
  - 1. volutas laterais com vasados e concheados ou feixe de plumas no centro (segundo terço do século);
  - 2. estilo Chippendale, quase reto revirado nas portas (terceiro / quartel).

## Período rocalha

### De influência mista:

- 1) francesa pelo espaldar em forma de violão.
- 2) inglesa pela tabela.
- 3) portuguesa pelos entalhes.

### Segunda Metade do Século XVIII (último terço)

#### Espaldar:

- a) em forma de violão, influência francesa: o aro suportado por dois pequenos elementos laterais que o separam do assento:

#### Tabela:

- a) recortada e vasada, estilo Chippendale, em fitas entrelaçadas ou trançadas;
- b) lisa e cheia, recortada em formas diversas;
- c) lisa e cheia, recortada raramente entalhada;
- d) vasada, formando moldura recortada;
- e) estofada (sobretudo no último terço do século).

#### Cachaço:

- a) estalhes barrocos e rocalha portuguesas: 1) de características / baianas; 2) vasado e com talha rocalha; 3) entalhado em lavra miúda rasa, com elementos rocalha; e guirlandas de flores e fitas (estas no último quarto do século);
- b) de influência francesa com laços de fitas e guirlandas esculpidas sobre o aro do espaldar (fins do século).

## Período de transição para o neo-classico

### Último quartel do século e princípios do Século XIX.

Estilo neo-clássico no Século XIX no Brasil.

Cadeiras com grandes influência francesa com o espaldar ainda em forma de violão, todo estofado em tecido ou, às vezes, em couro, sem tabela. O cachaço muito entalhado dentro do estilo rocalha português. Mais tarde, ainda na transição para o neo-classico, o espaldar fica oval, voltando a tabela inglesa lisa ou vasada e o cachaço no grupo b. Em seguida, predomina a influência inglesa com os estilos: Hepplewhite, Adams e Sheraton; os dois últimos já no Século XIX.

BIBLIOGRAFIA PARA O CURSO DE "MOBILIÁRIO-  
RIO BRASILEIRO NO PERÍODO COLONIAL "

- Barreto, Paulo Thedin - Casa da Câmara e Cadeia - Revista do I.P.H.A.N. nº 11 - Biblioteca no I.P.H.A.N.
- Cardoso Pinto e J.F. da Silva Nascimento - Cadeiras Portuguesas - Lisboa 1952 - Bibliot. Patrimônio 799.31 P. 659
- Costa, Lucio - Notas sobre evolução de mobiliário Luso-Brasileiro - Revista I.P.H.A.N. nº 3.
- Dias, Helcia - O mobiliário dos Inconfidentes - Rev. I.P.H.A.N. nº 3.
- Falcão, Edgard Cerqueira - Relíquia da Bahia - Biblioteca do I.P.H.A.N. 720.98128 - F178.
- Ferrão, Bernardo - Catálogo de Exposição de ambientes portugueses dos S. XVI a XIX - Porto 1969 - (esgotados).
- Lima, Junior Augusto - A capitania das Minas Gerais (móveis mineiros) - Vila Rica de Ouro Preto - Síntese Histórica e descritiva - 1957.
- Lopes, Francisco Antônio - "Móveis e Ornatos" - e História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto - Publicação I.P.H.A.N. nº 8 - 1942 - "Os palácios de Vila Rica" B.H. 1955 pg. 212.
- Mariano, José Filho - Estudos de Arte Brasileira - R.J. 1942 - Bibliot. Patrimônio - 709.81 - M.333.
- Machado, Paulo Afonso de Carvalho - Antiguidades Brasileiras (D. Maria e Beranger) - José Alvaro Ed. S.A.-R.J. 1965 - Biblioteca Patrimônio - 708 - M 149.
- Nigra - D. Clemente M. da Silva - Museu de Arte Sacra da Bahia - Bibl. Patrimônio - 726.098128 - S 586.
- Nascimento, J.F. da Silva - Leitões e Caminhas Portuguesas - Bibl. Patrimônio - estante 21 - 749.36 - N 244.
- Pinho, Wanderley - História de um engenho do Recôncavo 1952/1944-1946 - Bibl. Patrimônio - Mobiliário, Vestuário, Jias e Alfaias dos Tempos Coloniais" - Revista do I.P.H.A.N. nº 4.
- Pinto, Maria Helena Mendes - Relações entre o mobiliário português e estrangeiro in Boletins do Museu de Arte Antiga - Lisboa - ano 1966 - nº 2 - Vol. V.
- Ran, Virgínia - Inventário de D. Catarina de Bragança... - Bibl. Nacional (geral) 921/c 363. 2r.
- Rodrigues, José Wash - Mobiliário - Artes Plásticas no Brasil - S.A.B. Mobiliário do Brasil Antigo - Bibl. Patrimônio-arm. 21-749.31.R 696. Móveis Antigos de Minas Gerais - Revista I.P.H.A.N. nº 7.

- Sandão, Arthur de - O móvel Pintado em Portugal, - Bibl. Patrimônio - 749.26 S 313.
- Santos, José de Almeida - O estilo D. Maria - Revista do I.P.H.A.N. nº 6.
- Sarmiento, Terezinha de Moraes - "Um preguiceiro no Museu Histórico Nacional" in Anais do M.H.N.-vol. XXI 1964- Bibl. do Patrimônio 06.05 R 585 - vol. 21.
- Smith, Robert C. - Documentos bahianos - in. rec. I.P.H.A.N. nº 9.
- Tamlard, Alfredo - El mueble colonial nidamericano - Blihl. Nacional - Icn. 75.3.18.
- Trindade, Cônego Raymundo - Igreja São Francisco de Assis de Mariana - Rev. do I.P.H.A.N. nº 7.  
- São Francisco de Assis de Ouro Preto- Publ. nº 17 (1951).  
- Arquidiocese de Mariana - Patrimônio-262.3T833- ou 270.98116-T833

#### INVENTÁRIOS BRASILEIROS

- Minas Gerais - Anjos, Rui Veloso Versiani dos - Suntuária em Minas Gerais, fazenda "Santa Elós" - Bibl. Nacional -geral 040-M663-S2c.
- Pernambuco - Inventário e Testamentos - Goiânia - Pern. 1793- 1796 - 1802 - Patrimônio - 981.25 G 615 i.
- São Paulo - Inventário e Testamentos - Publicação do Arquivo do Estado de São Paulo - Bibl. Nacional - Seção de Livros raros (38 volumes) - Periódicos Brasileiros - P. 23B. 3.1-33 P. 23B.4.1. - 5 -





<sup>estilo</sup>  
des. ret. d. Dou I  
mitade do P. XVIII  
(mas para o fim)

Patrimônio

Casa do 7 can.  
dieiro - Patrimônio  
rio - Salvador -  
Bahia -

Cadeira no estilo  
do ultimo terço do  
P. XVIII



Museu do Estado de Pernambuco -

Duplicata - 1/2 Cômoda pernambucana,  
Museu do Estado de Pernambuco -

Substituindo os espelhos das pedraduras  
um entalhe alto em madeira. - (M. Salvo)

Museu Regional de Caeté

M. S.



Feito torneado com barra  
recortada e goivada, com pequenos  
entalhos circulares dentro de um quadrado.



Pucif - Francisco Premand

Camera di galeria -  
semi-risica

Museu Aquidioncesado de Maranhã  
cadeira portuguesa, em madei-  
ra leve - de meados do s. XVIII -



IV<sup>o</sup> - n. 1 - cadeia portuguesa  
de madeira leve, ~~estaca~~  
~~partida de preto com madeira~~  
movavelmente de período de  
harmico, em principio do  
3<sup>o</sup> quartel -

Duplicata - n. 2 - minha



Comoda em estilo português com entalhes episcopais entre as duas gavetas -

Comoda de Mariana - Museu Arquidiocesano -  
cesanos - 2ª Duplicata - foto minha -

COMODA de três gavetões e duas gavetas,  
<sup>de estilo</sup> talvez português. Com um entalhe entre as duas  
gavetas; estas e os gavetões guarnecidos com  
molduras em volta e puxadores fixos trabalhados  
em bronze. Dos lados pilastras com um movimento  
curvo e entalhes, são terminadas em pés largos e  
entalhados. Da segunda metade do Século XVIII.

Procedente do Palácio Episcopal de Ma-  
riana. Do acervo do Museu Arquidiocesano desta  
cidade. Foto do arquivo da autora.

*Respondeido em 27 Outubro*

Brasília, em 11 de agosto de 1978.

Muito prezado e ilustre amigo  
Engenheiro Bernardo Ferrão,

Foi, realmente, com enorme alegria, que recebi sua carta de 30 de julho último. Há quanto tempo não mantínhamos correspondência ... há sempre tanto a conversar!

Fico-lhe muito reconhecido pela gentileza com que atendeu a meu pedido de dar uma palavra a respeito da Virgem coroada da coleção da Embaixatriz Flecha de Lima. Ela naturalmente ficou contente com sua opinião a respeito da raridade iconográfica da peça que apresenta ainda a particularidade de ter sido encontrada na Índia. Pediu-me para manifestar-lhe seus agradecimentos muito sinceros. Dotada de verdadeiro espírito de colecionadora e de sensibilidade artística invejável, reuniu um acervo muito interessante de imagens, incluindo um conjunto de marfins, alguns esculpidos no Brasil ou aqui policromados. Tem, por exemplo, uma pequena imagem de meio-vulto, com furos para pendurar em cordões ou rosários, de Nossa Senhora da Conceição, com coroa aberta, de grande interesse.

A propósito, celebro a boa idéia do Museu Histórico de pedir-lhe um estudo sobre a coleção, aliás importante, daquela instituição. Nada, com efeito, foi escrito a respeito dessas imagens de marfim "brasileiras" e o ilustre Amigo é a pessoa mais credenciada para esse empreendimento. Há algumas peças que apresentam características locais inquestionáveis. Sobre outras, porém há grandes dúvidas.



Esperamos que o livro de D. Tilde Canti saia até o fim do ano e não deixaremos de avisá-lo. Junto cópia do prefácio que redigi para essa obra realmente pioneira, por suas características, no Brasil.

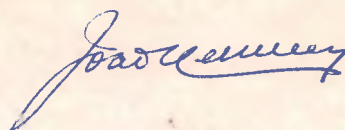
Aguardo, por outro lado, com o maior interesse, o lançamento do primeiro volume do seu monumental trabalho, pedindo-lhe o favor de avisar-me a respeito.

Não conheço o Professor Calderon. Apesar disso, lhe estou escrevendo a fim de transmitir-lhe seu recado e oferecendo-me para encaminhar ao Porto os originais, se for o caso.

Aqui em Brasília, muito preso ao Ministério, não tenho as facilidades para aumentar a coleção que oferecem o Rio, São Paulo, Salvador, Recife ou Recife ou Belo Horizonte. Apesar disso, nas pequenas cidades setecentistas dos arredores e do norte de Minas, outrora florescentes com a extração do ouro, tenho encontrado algumas peças de imaginária sacra interessantes, inclusive de marfim.

Aceite os cumprimentos muito cordiais e os renovados agradecimentos do

amigo e admirador



## P R E F Á C I O

Estava por ser escrita a história da evolução do móvel brasileiro.

Relegado o interesse pelo nosso passado artístico e desprezadas suas manifestações, principalmente pelos cânones neo-clássicos introduzidos pela Missão Artística de 1816 e pela influência avassaladora da cultura européia, sobretudo francesa, que, desde então, repercutiu em todos os campos de nossas artes plásticas, somente a partir da segunda década deste século se manifestou, com a preocupação nativista, o gosto pelas obras de arte que nos haviam sido legadas pelos três primeiros séculos de nossa história.

Apesar de compreensível em uma análise mais profunda, não deixa de ser aparentemente paradoxal que tenha sido a atmosfera intelectual e artística simbolizada pela Semana da Arte Moderna de 1922 que favoreceu o estudo de nosso passado artístico e que despertou a responsabilidade histórica nacional de preservar suas expressões mais significativas. São ~~simbolos~~ <sup>eloquentes</sup> desse aspecto de nossa evolução cultural as figuras de Mario de Andrade, tanto ao redigir o anteprojeto do decreto que criou o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como ao estudar e comentar a vida e a obra do Padre Jesuino do Monte Carmelo, e de Rodrigo Mello Franco de Andrade, o grande organizador daquele Serviço, ligados ambos ao grupo renovador do início da década dos 20.

Paralelamente a esse movimento cultural mais amplo, alguns colecionadores, verdadeiros pioneiros, reuniram tudo o que lhes era possível encontrar que se relacionasse com as "antiguidades" brasileiras, preservando, assim, o que restara da destruição provocada pela incúria, pelo tempo e pelas modificações do gosto artístico. Entre essas figuras, às quais a cultura brasileira muito ficou a dever, cabe recordar Alfredo Lage, Bastos Dias, Domingos de Goes, Rego Barros, Simões da Silva. Ga

Galeno Martins, Gastão Penalva, Guilherme Guinle, Djalma da Fonseca Hermes e José Mariano.

Apesar de pertencer a uma geração posterior, o nome de Octalles Marcondes Ferreira não poderia deixar de figurar em um elenco de colecionadores entusiastas de nossos móveis coloniais.

Surgiram, então, inclusive, do exame e da comparação das peças que integravam essas coleções, as primeiras tentativas de estudar sistematicamente a evolução dos diversos ramos das nossas artes plásticas.

No que diz respeito à história de nosso mobiliário, Gustavo Barroso e José Mariano podem ser considerados os representantes mais expressivos dessa fase ainda titubeante da história das artes no Brasil.

Merece ser citado, apesar de nada ter deixado escrito sobre o assunto, o grande estudioso que foi Francisco Marques dos Santos, um dos maiores conhecedores, senão talvez o maior, das peças de nossa arte colonial, naquela época.

Coube, entretanto, a Lúcio Costa, em suas "Notas sobre a Evolução do Mobiliário Luso-Brasileiro", publicadas na Revista do S.P.H.A.N. (nº 3, 1939), dar uma primeira visão do conjunto da história de nosso mobiliário, demonstrando, com sua sensibilidade de artista, a perspicácia do observador atento e o espírito de comparação e de crítica do verdadeiro historiador da arte.

Da mesma categoria, é o trabalho de síntese intitulado "Mobiliário", de autoria de J. Wasth Rodrigues, que figura no Volume I, e infelizmente único, da "As Artes Plásticas no Brasil" publicado pelo grupo Sul América e pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro, em 1952. Como as "Notas" de Lúcio Costa, esse artigo dá uma visão abrangente das linhas gerais da evolução de nosso mobiliário, abrindo caminho a pesquisas mais aprofundadas e a estudos especializados.

O próprio J. Wasth Rodrigues se dedicaria a especificar as linhas gerais da evolução de nosso mobiliário que, com maestria e clareza invulgares, sintetizara. Provam-no não só o artigo a respeito dos "Móveis antigos de Minas Gerais", na Revista de S.P.H.A.N. (nº 7, 1943), mas principalmente seu magnífico trabalho sobre a "Evolução das cadeiras luso-brasileiras"

brasileiras" publicado postumamente, em 1958, pela Companhia Editora Nacional, cujo título geral "Mobiliário do Brasil Antigo" manifesta que a intenção do autor teria sido a de estender um estudo mais minucioso e pormenorizado a outros tipos de móveis.

Entre as Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, encontra-se um interessante e bem ilustrado trabalho de Carlos Eduardo da Rocha intitulado "O Mobiliário Antigo na Bahia" (Salvador, 1973).

A demonstrar o crescente interesse pelo assunto, inclusive nos meios universitários, Maria Helena M. Ochi Flexor escolheu, como tema para a tese que apresentou ao concurso para assistente da Universidade Federal da Bahia, em 1970, o "Mobiliário baiano (século XVIII e XIX)", trabalho de pesquisa e de interpretação digno de especial referência.

Ainda há pouco, em novembro de 1977, ilustrando ensaios de Luís Seraphico sobre "O Mobiliário" e "A Ideologia Colonial", em magnífica publicação intitulada "Arte Colonial-Mobiliário", João Carlos Martel reuniu precioso e expressivo documentário sobre o assunto.

Não existia, entretanto, uma obra mais aprofundada que estudasse a evolução do nosso mobiliário, através das várias influências que sobre ele se exerceram, as características que o distinguem não só da trastiaria portuguesa, mas também, o que é mais difícil, as que estabelecem as diferenças entre as peças das diversas regiões do Brasil.

Aliás de semelhante lacuna se ressentem, também, a bibliografia relativa ao móvel português.

Após o trabalho pioneiro de Alfredo Guimarães, e de Albano Sardoeira "Mobiliário artístico português" (2 volumes, Porto, 1924-5), surgiram, além de artigos sobre temas específicos, alguns mais abrangentes como o de Reynaldo dos Santos em sua "História da Arte em Portugal" (Porto, Vol. 3), vários ensaios notáveis como o de Augusto Pinto Cardoso e J. F. da Silva Nascimento, referente às "Cadeiras Portuguesas" (Lisboa, 1952), o de J. F. da Silva Nascimento, intitulado "Leitos e Camilhas

Camilhas portuguesas, subsídios para o seu estudo" (Lisboa, 1950) e o de Artur de Sandão", "O Móvel pintado em Portugal" (Porto, 1966).

Robert Smith, em seu já clássico "The Art of Portugal" (Londres, 1968), dedica um capítulo ao mobiliário, ensaio que se pode comparar, por seu valor e espírito de síntese, aos artigos de Lúcio Costa e de J. Wash Rodrigues, acima citados.

Não existe, porém, na bibliografia portuguesa um estudo mais minucioso e completo sobre o assunto, sabendo-se que, no momento, com esse objetivo, está trabalhando um dos maiores conhecedores das artes plásticas portuguesas, Bernardo Ferrão de Tavares e Távora.

O livro de D. Tilde Canti, para o qual tenho o grande prazer de escrever este pequeno "Prefácio" é, assim, um trabalho de que careciam as bibliografias brasileira e portuguesa sobre o assunto.

Preenche, pois, uma lacuna que se fazia sentir e vem não só dar uma contribuição definitiva a esse importante capítulo da história das nossas artes plásticas, mas também servir, como valioso subsídio, para os estudos de nossa história social reconhecida, como é, a importância da evolução do gosto artístico, inclusive, no que diz respeito às peças de uso e adorno domésticos, para a melhor compreensão das diversas fases históricas da evolução de um país.

Conheci D. Tilde Canti em Buenos Aires, há cerca de oito anos, quando, com uma carta de apresentação de Cândido Guinle de Paula Machado, me procurou para que lhe falicitasse suas pesquisas nos museus argentinos, ricos em móveis de influência luso-brasileira. Desde esse primeiro contacto, estabeleceu-se, entre nós, uma amizade alicerçada em interesses comuns. Passei, por outro lado, desde então, a admirar a seriedade com que se dedicava às pesquisas; a coragem, nunca desmentida, de enfrentar todos os sacrifícios, para aprofundar seus conhecimentos; sua preocupação em comparar as características das várias peças que encontrava, procurando sistematizar a grande documentação que ia acumulando.

Pouco depois, e por algum tempo, convivemos em Brasília, oportunidade que me foi dada de seguir, ainda mais de perto, as pesquisas de D. Tilde Canti. Ao examinar peças que consegui reunir, ao procurar móveis de interesse, dispersos nas velhas cidades vizinhas de Pirenópolis, Luziânia e Paracatu, a impressão que me deixara nosso encontro de Buenos Aires se firmava.

Desde então, venho acompanhando a continuação de suas pesquisas que não se restringiram aos quatro cantos do Brasil mas se estenderam não só ao Rio da Prata, mas a Portugal, onde, em mais de uma oportunidade, pôde examinar, em museus e coleções particulares, peças importantes e significativas.

Essas pesquisas não se limitaram porém, a museus e coleções, mas se estenderam a bibliotecas e arquivos, conseguindo, assim, na bibliografia existente sobre a matéria e a respeito de assuntos correlatos e em documentos de época, esclarecer pontos obscuros, explicar influências, estabelecer correlações.

Foi desse entusiasmo, dessa pesquisa infatigável que surgiu este livro.

"O Móvel no Brasil - Origens, Evolução e Características", magnificamente ilustrado, apresenta a evolução de nosso mobiliário desde o Século XVI até princípios do Século XIX, ligando-a ao estágio por que passou o mobiliário em Portugal, assinalando as influências dos estilos. inclusive, de outros países que sobre ele se exerceram, as características distintas de nossa trastiaria segundo as diferentes regiões do país.

Um trabalho desse fôlego é sempre perfectível e dificilmente poderia ser considerado definitivo. Novos documentos, até agora desconhecidos, podem modificar uma ou outra conclusão, trazer novas luzes sobre um ou outro ponto.

Dentro dessas limitações, inerentes a todas as obras históricas, em especial as que se aventuram por campos pouco trilhados, pode-se dizer que o ensaio de D. Tilde Canti é o estudo mais completo que, sobre o assunto, se escreveu no Brasil. Mais completo e mais minucioso. Terá, assim, posição

posição de relevo permanente na Bibliografia da história de nos sas artes plásticas.

Conjugaram-se na publicação desta obra, três fatores altamente positivos que contribuíram para o êxito que terá e para o interesse que despertará: a seriedade do trabalho de pesquisa e de interpretação da autora; o bom gosto e a imaginação de Aloísio Magalhães que diagramou o livro; e o entusiasmo, já tantas vezes manifestado por tudo o que diz respeito ao nosso passado e às nossas artes, de Cândido Guinle de Paula Machado que o edita.

Brasília, em        abril de 1978.

Relatório feito ao estado de  
Vên. baiano, feito por Sylvia Pereira  
de Almeida em 1980.

## ESTADO DOS DOCUMENTOS

A documentação que ora utilizamos, ou seja os Inventários e Testamentos do Sec. XVIII, pertencente ao Arquivo Público do Estado da Bahia, encontra-se de modo geral muito mal conservado. Muitos dos documentos foram danificados pelas traças ou atingidos pela humidade, sem esquecer de mencionar aqueles maços já transformados em tijolos.

Estes fatores dificultam a leitura dos documentos exigindo, algumas vezes, do pesquisador um longo tempo para "decifrar" as palavras entrecortadas pelas traças ou mesmo quase apagadas pelo efeito da água.

## CONTEÚDO DA DOCUMENTAÇÃO

Os inventários e testamentos constituem uma fonte preciosa de informações pois oferecem a possibilidade de se constituírem em séries temporais bastante evocadoras para o estudo que pretendemos realizar.

Os inventários e testamentos do Sec. XVIII, sobretudo os da 1ª metade, que ora analisamos, apresentam grandes lacunas nas suas séries e somente a partir de 1730 podemos encontrar séries mais completas.

Os dados que se extraem de um inventário são riquíssimos como fonte de estudo das estruturas sociais do passado. De modo geral, os inventários possuem duas partes principais: a avaliação dos bens possuídos pelo testador e a partilha.

Da 1ª parte do inventário que se refere à avaliação dos bens pode ser obtida uma série de dados quantitativos. Estes podem ser utilizados para a elaboração de classificação dos diversos grupos sociais que compõem a sociedade baiana nos Secs. XVIII e XIX, a partir dos níveis de fortunas de seus membros. São esses dados divididos em 2 grupos: despesas e dívidas (passivo) e bens mobiliários, imobiliários, jóias, escravos, louças, móveis, di-



nheiro líquido e dívidas do ativo.

No primeiro grupo arrolam-se as despesas com o inventário, em terro e dívidas do passivo; no segundo grupo, as dívidas do ativo, os bens imobiliários (urbanos e rurais), os móveis, as jóias (ouro, prata e pedras preciosas), as roupas (individuais e/ou da casa), a biblioteca e os escravos.

A segunda parte do inventário é constituída pela partilha, isto é, o ato pelo qual se distribui entre herdeiros os bens deixados pelo testador e inventariado.

O inventário, como sabemos, é um ato complementar ao ato jurídico do testamento.

Examinando os testamentos verificamos que, de modo geral, os bens nele relacionados são referidos de maneira vaga, sem maiores detalhes, assegurando apenas a vontade do testador.

Ex:

*... "deixo uma morada de cazas e uma rosinha em terras foreiras e Fazenda Nacional e Imperial, que he como patrimonio avaliada em um conto e quatrocentos mil reis, meo testamenteiro a venderá a quem mais der, e com ella dará as disposições acima, assim como também um Santuario com suas Imagens, e um Presepio feito na dita caza, assim como os mais moveis do meu uso.*

Sendo assim trata-se de uma documentação de importância secundária para o estudo que ora realizamos, quando comparada a riqueza de detalhes apresentada nos inventários.

RELAÇÃO DOS TESTAMENTOS E INVENTÁRIOS CONSULTADOS

MAÇOS Nº	A N O	N O M E
618/1	1677	Domingos Dias de Cerqueira
618/2	1700	Francisco Rodrigues Pinto
618/3	1707	Francisco Gonçalves Vilaça
618/4	1703	Francisco de Estrada
618/5	1803	José Ribeiro de Figueredo
619/1	1714	Maria da Silva
619/2	1717	Antonio Ribeiro de Souza
619/3	1719	Manoel de Araujo Costa
619/4	1719	Luiz de Magalhães Leitão
620/1	1721	Leonardo da Costa
620/2	1721	Manoel João da Silva
620/3	1722	Domingos Miranda
620/3 <sup>A</sup>	1723	Maria de Aguiar Pereira
620/4	1728	Isabel Maria dos Santos
620/5	1728	Joaquim Moniz Barreto
621/1	1731	Francisco Moraes Seraphim Antonia Maria de Mattos
621/2	1731	Manoel de Almeida Lima
621/3	1732	Joana Ferreira de Jesus
621/4		Emancipação
621/5	1733	João Alves de Azevedo
621/6	1733	Antonio da Silva Luz e sua mulher Joana de Oli veira
621/7	1734	Cristovão Vieira
621/8	1734	João Alvares Correa
621/9	1732	Mancel Guimarães
622/1	1735	Felicio Rodrigues de Castro
622/2	1735	Manoel Ferreira Santos
622/3	1738	Francisco Gonçalves Dantas
622/4	1738	José Pereira
622/5	1738	Silvestre Gomes da Cruz
622/6	1738	Floencia de Oliveira
622/7	1739	Joaquim de Brito de Pazy
622/8	1739	João Nunes da Cunha
622/9	1739	Nicolau Carneiro da Rocha

(continuação)

MACOS Nº	A N O	N O M E
623/1	1740	Luiz Pacheco Ferreira
623/2	1740	Manoel Lopes da Cunha
623/3	1741	Antonio Ferreira Lopes
623/4	1741	João Lopes Fiuza
623/1 <sup>A</sup>	1741	José Machado Soares
623/2 <sup>A</sup>	1741	Silvestre Gomes da Cruz
623/3 <sup>A</sup>	1753	Manoel Ferreira Guimarães
624/1	1742	Francisco de Meireles
624/2	1742	Manoel Afonso de Azevedo
624/3	1742	João Domingos Nogueira
625/1	1720	José Fernandes Duarte
625/2	1744	João Rodrigues Oliveira
625/3	1744	Maria da Conceição
625/4	1744	Manoel Francisco Rozado
625/5	1744	Maria Pereira do Lago
626/1	1745	Antonio da Cruz
626/2	1745	Leandra de Souza
626/3	1745	Luiza Maria
626/4	1745	Manoel Pereira Coutinho
626/5	1745	Lino de Souza
626/5 <sup>A</sup>	1756	Lourenço dos Santos
627/1	1746	Manoel da Costa
627/2	1746	Manoel Dias Maciel
627/3	1746	Manoel Fernandez de Azevedo
628/1	—	o auto foi anexado ao maço de nº 623/1
628/2	1747	Manoel Carvalho da Silva
628/3	1747	Manoel Soares Moreira
628/4	—	—————
628/5	1748	Miguel da Silva Rosado
628/6	1748	Manoel Nunes Guerra
628/7	1749	José Rodrigues Chaves
628/8	1749	Catharina de Brito
628/9	1749	Clemente Pereira
628/10	1749	José da Silva Sardinha
628/11	—	o auto foi anexado ao auto 624/2
628/12	— ?	—————

(continuação)

---

MAÇOS Nº	A N O	N O M E
628/13	1749	Lourenço Roiz Duarte
629/1	1750	Antonio Araujo de Goes
629/2	1750	Clara Maria de Jesus
629/3	1750	Manoel Pereira Baltazar
629/4	1750	Ricarda Maria da Encarnação
630/1	1751	Ignacio da Costa Ximenez
630/2	1751	Ignacio de Souza
630/3	1751	José de Souza Aguiar
630/4	1751	Luiz de Souza Pereira

---

Analisando o conteúdo dos inventários relacionados nesta 1ª etapa da pesquisa, verificamos que deles podemos extrair as seguintes informações, todas elas de grande interesse para o estudo do mobiliário baiano do Sec. XVIII.

- A) - Tipos de Móveis Utilizados na 1ª Metade do Sec. XVIII
- diferenciação dos termos utilizados
  - época do surgimento dos diversos tipos
  - maior ou menor utilização de cada tipo nas casas de residência do Sec. XVIII
- B) - Materiais Utilizados
- C) - Características Decorativas
- D) - Dimensões
- E) - Preços (de avaliação)

No ítem A acham-se relacionados os diversos espécimes encontrados no decorrer da pesquisa, isto é, no período compreendido entre 1700-1751.

almario  
arca  
banca  
banquinha  
banco

bau  
berço  
bofete  
bofetinho  
cadeira  
caixa  
caixinha  
caixão  
catre  
catresinho  
contador  
contadorsinho  
cabilde  
canastra  
cama de vento  
espelho  
espreguiceiro  
estante  
estrado  
frasqueira  
guarda-roupa  
leito  
leitossinho  
mesa  
mesa redonda  
oratório  
papeleira  
palanquim  
serpentina  
tamborete  
ventô.

Analisando os diferentes tipos de móveis que aparecem nos inventários da 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII (1700-1751) verificamos uma variedade de termos que reflete algumas vezes a diversidade das suas funções. Assim vejamos os diferentes termos utilizados nesta época para os móveis de "guardar".

*almario - guarda roupa*

*arca - bau - caixa - caixinha - caixão - frasqueira - canastra.*

*contador - papeleira - estante.*

Foram  **muito**  poucos, diria mesmo muito raros,  **os almarios e guarda-roupas**  encontrados na 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII. Num inventário de 1714 aparece pela primeira vez o termo "**almario**" (como então se dizia) enquanto que o "**guarda-roupa**" só foi citado em 1739. Sob o ponto de vista morfológico não tinham grande diferença entre si. Os "**almarios**" desempenharam ao lado das caixas, o papel de guardar louças ou mantimentos, enquanto que o "**guarda-roupa**" tinha uma finalidade mais específica.

As descrições que aparecem nos inventários para estes dois tipos de móveis são mais ou menos parecidas: com duas ou quatro portas, (alguns com suas gavetas) executados quase sempre em madeira branca, tinta ou pintada. No inventário de João Domingues Nogueira (1742) aparece o "**guarda-roupa**" como suporte para um oratório. Este constituía o meio corpo superior e o guarda-roupa (ou almario) a parte inferior servindo para guardar as peças litúrgicas.

A **caixa**, sem a menor dúvida, é o móvel mais citado, seguido das **arcas e baus**. Em todos os inventários consultados, a **caixa** foi o traste mais comum nas habitações. Designada por **caixa, caixinha, caixão, arca** ou **bau**, se o material empregado era a madeira ou o couro, ou se o tampo se apresentava abaulado como no último exemplo citado, a sua utilidade era múltipla, sendo inclusive aproveitada como mesa ou móvel de assento ou, para sobre ela se estender o colchão, servindo então de cama. O termo **caixa**, utilizado até meados dos setecentos, corresponde ao que nós hoje designamos de **arca**, e era invariavelmente confeccionada em vinhático ou jacarandá, sendo poucos os exemplares que aparecem em madeira branca. (Em Portugal as caixas e os caixões eram feitas em cedro e carvalho, mas por faltar estas madeiras, os carpinteiros da Rua das Arcas requereram autorização, em 1686, ao juiz do seu ofício para as construir em madeiras de fora — o vinhático amarelo e a "**madeira das caixas em que vem os assucars do Brasil**".)

O seu **comprimento** variava entre quatro a oito palmos, sendo a média entre **cinco** e seis palmos. Geralmente as **caixas grandes** são assim **citadas** nos inventários quando atingem os oito palmos e as **caixinhas** quando possuem apenas de três a quatro palmos. Suponho que os **caixões** deveriam ser de grandes dimensões

por se destinarem a guardar alimentos (cereais e farinha).

... "Quatro caixones de despensa ja bem velhos cada hum, em seis centos e coarenta e todos em sua avaliação de dous mil e quinhentos reis". (inventário de 1741).

Numa análise exaustiva a fim de procurar estabelecer as diferenças entre *caixa*, *arca* e *bau*, verificamos que quase todas as caixas eram confeccionadas sobretudo em vinhático (90%), ou, ainda, em jacarandá ou madeira branca. Citaremos diferentes exemplos extraídos dos inventários:

- *uma caicha de vinhático com goarnisam de jacarandá e duas gavetas com suas fechaduras e tam de comprido seis palmos avaliados em vinte e dois mil reis. (1714).*
- *uma caixinha de vinhático de tres palmos guarnecida de jacarandá com hua gaveta avaliada em coatro mil reis (1735)*
- *uma caixa de vinhático de coatro palmos e meyo de comprido, de duas gavetinhas, moda antiga, e com muito uzo e a avaliada em dois mil e quinhentos reis (1745).*
- *uma caicha de jacarandá com coatro palmos e meyo com goarnisões da mesma em sua avaliação de coatro mil reis (1731).*
- *uma caixa pequena de madeira branca avaliada em coatro centos e oitenta reis (1741).*

As *arcas* e os *baus* que aparecem citados nos inventários da 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII são invariavelmente confeccionados em couro liso ou moscóvia, diferenciando-se portanto das caixas sempre feitas em madeira. Chama-se moscóvia ao couro semelhante ao fabricado em Moscou e era usado antigamente em Portugal para cobrir *arcas*, *baus*, *bancos*, *tamboretas* e *cadeiras*. Os *baus* diferem das *arcas* por terem as tampas abauladas.

No inventário de João Lopes Fiuza, (1741) encontramos pela 1<sup>a</sup> vez ... "duas arcas da Índia de charam com seis palmos cada huma avaliadas em trinta e dois mil reis."

As *frascadeiras* eram caixas destinadas ao acondicionamento de frascos (para vinho, vinagre, aguardente, óleos etc). Vale sa

liantar que quando citadas nos inventários são invariavelmente originárias do Norte de Portugal, sobretudo do Porto.

...*"uma frasqueira do Norte com doze frascos avaliada em dois mil e quatrocentos reis"*... (1735)

...*"uma frasqueira do Porto com doze frascos em sua avaliação de tres mil reis..."* (1731)

Muito raramente sabemos a dimensão, o material, apenas a quantidade de frascos é sempre mencionado. Somente no inventário de Manoel Almeida Lima (1731) temos notícia de ...*"uma frasqueira de vinhático com seis frascos..."*

*Contador* - O móvel a que chamamos contador deriva da arca de escritório e distingui-se dos seus congêneres europeus por ter as gavetas à vista, aparentemente todas iguais, dispostas na frente da caixa, cobrindo-a inteiramente, e por assentar sobre mesa ou trempe, quando atinge certas dimensões. Destinava-se à guarda de valores e documentos.

A maioria dos contadores existentes em casas e conventos do Brasil Colonial, eram originários de Portugal e das Índias.

No Sec. XVII esse móvel era peça de destaque em Portugal, concorrendo com os luxuosos "*cabinets*" usados nos diversos países da Europa, e aqui no Brasil aparece relacionado nos inventários da 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII, sobretudo os dos mais afortunados.

Os contadores da Índia (ou indo-portugueses) eram peças requintadas com marchetados de marfim e madeiras coloridas (ebano, teca, sissô) sem esquecer contudo aqueles lacados em vermelho ou preto com pinturas douradas.

Ao lado destes aparecem também os confeccionados em jacarandá, com sua decoração em tremidos e torneados.

Os inventários fornecem certos detalhes descritivos como o número de gavetas, as madeiras, a decoração, assinalando por vezes o trabalho de marchetado, como por exemplo:

...*"dois contadores da Índia marchetados em sua avaliação cada um oito mil reis, ambos dezesseis..."* (1741).



Dois anos antes, em 1739, sabemos de ... "*um contaor da Índia com feiçã de seis gavetas, marchetado, avaliado em cinco mil reis...*"

Paralelamente existiam os contadores feitos em jacarandã com as suas múltiplas gavetas, que variavam de 6 a 16, com molduras de tremidos e gavetas almofadadas. A descrição mais pormenorizada que encontramos (em 1751) dá-nos conta de: ... "*dois contaõres de jacarandã pequenos e um deles lavrado com feiçã de nove gavetinhas e outro liso com feiçã de doze gavetinhas e ambos com seus pés de jacaranda torneados e um com treis palmos e outro com dois e meyo, velhos e avaliados em cinco mil reis...*"

É curioso observar que as ferragens recortadas e vazadas eram elementos importantes na decoração dos contadores e não vêm mencionadas na descrição dos inventários consultados.

As *papeleiras* - Os primeiros exemplares desse móvel surgem na 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII. Antes de serem conjugadas às comodas eram chamadas de "*papeleira de meio corpo*" ou "*de corpo inteiro*".

As *papeleiras* de corpo inteiro possuíam no meio corpo inferior duas gavetas e na parte superior os escaninhos, as gavetinhas e os segrêdos.

No inventário de Nicolau Carneiro da Rocha (1739) aparece pela 1<sup>a</sup> vez assim citada:

... "*uma papeleira do Norte, de meio corpo avaliada em seis mil reis*".

O exemplo de *papeleira* de corpo inteiro data de 1746: "*uma papeleira de corpo inteiro do Norte, com bastante uso, avaliada em seis mil reis*". Em ambos os casos eram originárias do Norte de Portugal. Num exemplo mais raro aparece conjugada ao cratório: "*uma papeleira de jacarandã de corpo inteiro e o meyo corpo de cima serve de cratório*"...

A *estante* aparece integrando a relação dos móveis deixados por João Lopes Fiuza (1741) cujo inventário vem despertando gradativo interesse por ser um dos mais ilustrativos deste período, e

também num outro inventário (1750) abrigando "cincoenta livros estôricos".

A *canastra* é uma caixa em couro, com duas argolas nas ilhargas, utilizada para viagens podendo ser carregada no lombo de animais.

Poucos exemplares aparecem citados nos inventários.

No que se refere aos móveis destinados ao descanso, encontramos na 1ª metade do Sec. XVIII os seguintes tipos: *cadeira, tamborete, banco, catre, cama, leito, espreguiceiro*.

Primeiramente vamos estabelecer as diferenças entre *cadeira - tamborete e banco*.

Augusto Cardoso Pinto no seu livro "*Cadeiras Portuguesas*" refere-se a *tamboretetes* (tradução literal do francês "*tambouret*" ou "*taburet*", como sendo cadeiras desprovidas de braços e espaldar, termo que diz ter sido usado em Portugal a partir do Sec. XVIII, antes do que eram chamados "*cadeiras rasas*".

Na Bahia, encontramos em diversos inventários, os tamboretetes assim descritos: "*dois tamboretetes de couro e dois de pau avaliados por estarem muito velhos em mil e duzentos reis*". (inventário de 1707).

*"cinco tamboretetes de sola picada encosto baixo e um deles com o encosto roto avaliados todos em mil novecentos e vinte reis"*. (1728).

*"quatro tamboretetes de couro com pregadura grossa e miúda, em tres mil reis"* (1731)

*"doze tamboretetes de couro de encosto alto com pregadura grossa dourada, e cinco razos todos quase novos e avaliados em quarenta e tres mil reis"* (1750).

*"doze tamboretetes de couro de encosto alto com pregadura grossa dourada, velhos avaliados em dezoito mil reis"* (1751).

Conforme podemos verificar nos diferentes exemplos acima cita

dos encontramos tamboretas com espaldar **baixo**, com espaldar alto ou simplesmente razos, o que nos leva à mesma conclusão do historiador Augusto Cardoso Pinto, de que se chamavam de "tamboretas" às cadeiras desprovidas de braços, e de "tamborete raso" ao assento sem encosto. A distinção se faz clara quando encontramos às vezes até no mesmo inventário a citação das "cadeiras", o que significa assento com braços; aparecem em menor quantidade que os tamboretas.

*"doze cadeiras de encosto cobertas de couro avaliadas todas em dezeseis mil reis". (1740).*

*"uma duzia de cadeiras de encosto alto com pregadura grossa de madeira de noqueira já velhas e avaliadas em trinta e seis mil reis" (1744)*

Os bancos eram assentos coletivos conforme podemos deduzir da citação no inventário de Francisco Morais Seraphim: "um banco comprido de encosto" (1731).

E por fim não poderíamos deixar de mencionar a cadeira portátil ou "cadeirinha de arruar" que servia de transporte citadino de uma pessoa sentada.

*"uma cadeira de duas portas em lugar de quortinas, forrada de damasco carmezim dourada e pintada com bastante azul e avaliada em vinte mil reis" (1746).*

*"uma cadeira com suas cortinas, de ... azul forrada de damasco carmezim usada avaliada em vinte mil reis". (1746).*

No que se refere aos meios de transporte já encontramos na documentação examinada, várias referências às "serpentinas" e "galagães".

**Leito - catre - estrada - espreguiceiro.**

No livro intitulado "Leitos e Camilhas Portuguesas" o seu autor Silva Nascimento faz a distinção entre cama e **leito**: "**leito designava a parte de madeira ou metal e cama a colchoaria com os tecidos e ornamentações e conforto**". Isto durante o Sec.XVI e

XVII em Portugal. (até o sec XVIII)

Ao analisar minuciosamente os inventários da primeira metade do Sec. XVIII em Salvador, constatamos que o termo *cama* só aparece uma única vez no inventário de Francisco Estrada, de 1703, e mesmo assim como "*cama de vento*", o que supomos ser uma cama de campanha, ou seja uma cama dobradiça.

O *leito* é mencionado em inúmeros inventários com diversas especificações:

"um leito de jacaranda pequeno... (1703)

"um leito de jacaranda retrocido... (1721)

"um leito de jacaranda torneado... (1731)

"um leito de jacaranda com cortinado de ...?... da Índia (1739)

"um leito de jacaranda torneado rustico (1741)

"um leitozinho pequeno moda antiga, de jacaranda... (1745)

"um leito de jacaranda grande antigo com seo quortinado de cabaya azul, com sua franja de retros amarelo, com seo quortinado de setim sobreceo... e quortinas... de seda (1748)

"um leito pequeno de jacaranda torneado com seo cortinado de... verde velho (1750).

Chegamos a conclusão que o leito era constituído não só pela armação de madeira (ou outro material) como também pela colchoaria com os tecidos e ornamentações.

Quanto aos elementos decorativos, os torneados e retorcidos predominavam neste tipo de móvel, aparecendo mais para meados do século (1748) a obra de talha associada aos trabalhos de torno, conforme podemos verificar no penúltimo inventário citado.

*Catre* - a palavra *catre*, no Sec. XVII, em Portugal designava o "leito pequeno, o leito de campo ou camilha dobradiça, mas também o leito de coluna não suficientemente alta para suportar o **dossel**".

Na documentação pesquisada, o *catre* é muito menos citado que o leito, e descrito de uma maneira muito sucinta.

"um *catre* pequeno..." (1714)

"um *catresinho* de jacaranda pequeno..." (1720)

"dois *catres* de jacaranda novos..." (1722)

"cinco *catres* de jacaranda já usados (1741)

Pelo que temos observado, o *catre* é mais simples que o leito, este mais luxuoso e trabalhado.

Encontramos em 1745 uma única descrição de um *berço* "de jacaranda retorcido com sua armação.

O leito foi muitas vezes substituído pelos *estrados*, *esteiras*, *colchões*, nas alcovas das residências baianas, evidenciando assim o hábito milenar de dormir no chão. Quase todos os *estrados* que aparecem nos inventários são em madeira branca.

O *estrado* como móvel de assento ou como suporte para a cama, mais não foi do que um dos muitos testemunhos da tradição mourisca na Península Ibérica, conforme atesta a especialista Maria Helena Mendes Pinto.

Os *espreguiceiros* (ou *preguiceiros*) eram camas de repouso diurno, utilizados para a sesta. Possuíam <sup>de 1,50 a 2,00</sup> uma só cabeceira, levemente inclinada para traz, e ostentava uma bela decoração visto que ocupava um lugar de destaque nas salas.

Eram fabricados sobretudo em jacarandá com o lastro em couro ou soia, prêso com "*pregaria grossa ou miuda*" e assentava sobre seis ou oito pernas, como podemos observar nestes exemplos:

"um *espreguiceiro* de jacaranda estofado de ...?... novo avaliada em oito mil reis" (1740)

"um *espreguiceiro* com pes e cabiceyra de jacaranda de *pregaria grossa*, em doze mil e oitocentos reis" (1748)

"um *espreguiceiro* com sua cabeceira e pes de jacaranda

### Materiais Utilizados

Podemos observar através das citações dos cronistas que havia, no Brasil, grande fartura de madeiras de lei, de grande beleza e qualidade, próprias para o trabalho de marcenaria e talha fina. E ao analisarmos os inventários chegamos, com relação ao emprego dessas madeiras, às conclusões que em seguida sintetizamos.

Na Bahia, na 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII, verificamos através dos inventários que as madeiras utilizadas nessa época para a fabricação dos móveis eram sobretudo o vinhático e o jacarandá, além da madeira branca, esta geralmente utilizada para a fatura de móveis mais rústicos, de uso doméstico e popular.

As caixas eram fabricadas na sua grande maioria em vinhático, apresentando muitas vezes as suas guarnições ou molduras em jacarandá. Outras aparecem em jacarandá, e em madeira branca.

Enquanto a denominação de caixa implica na utilização de diversas madeiras conforme verificamos numa análise bastante detalhada (através do método quantitativo) as arcas e os baús eram confeccionados em couro designado de moscovia (quando o couro era semelhante ao preparado em Moscou, e usado antigamente em Portugal para cobrir arcas, baús, cadeiras, tamboretas e bancos). Podemos afirmar que todas as vezes que aparecem citadas arcas e baús nos inventários da 1<sup>a</sup> metade do Sec. XVIII, o material de fabricação era unicamente o couro, exceção feita apenas para "*duas arcas de xaram da Índia*".

Ainda com referência aos materiais que revestiam os móveis de "*guardar*" não podemos deixar de nos referir as canastras - igualmente confeccionadas em couro e muito práticas para as viagens por ser facilmente transportáveis em lombo de burro.

Os tamboretas (assim denominados os assentos de encosto baixo ou alto, sem braços) eram forrados de couro (também chamados de sola picada quando apresentavam furos) e preso às prumadas a-

travês de pregadura grossa ou miúda, o que significa taxas de metal amarelo com cabeças arredondadas. Algumas vezes aparece mencionado o tipo de madeira utilizada na estrutura dos móveis de assento, e além das já citadas, encontramos a noqueira, o que nos leva a deduzir que eram peças vindas de Portugal.

O couro era ainda usado para forrar o lastro e a cabeceira das "camas de dia" chamadas muito adequadamente de "espreguiceiros ou preguiceiros". Em 1749, no inventário de José Rodrigues Chaves aparece "um espreguiceiro de jacaranda torneado com sua cabeceira coberto de sola".

É curioso não termos encontrado este móvel forrado de palhinha - visto ser um material muito apropriado para o nosso clima e já largamente utilizado em Portugal desde meados do século anterior. Entretanto, se a palhinha não aparece nos espreguiceiros, dela já se fazia uso nos tamboretas conforme nos mostra um inventário de 1746.

*"coatro tamboretas de palhinha com os acentos de palha ...?... do Norte..."*

*"Ao ouro e brilhantes vindos das Minas brasileiras grandemente produtivas a partir de 16 e às madeiras do Brasil se ficou devendo a época mais ostentosa do mobiliário em Portugal".*

Esta época vai coincidir com o reinado de D. João V e dentre as madeiras que para lá seguiam, a mais apreciada era, sem dúvida, o jacarandá, por eles denominada de "pau santo". Incontestavelmente os artistas portugueses souberam tirar o melhor partido desta preciosa madeira, fazendo realçar os seus veios de variadas colorações, com uma mestria na arte de bem entalhar, emprestando muitas vezes aos detalhes decorativos aquela perfeição que na arte da ourivesaria é alcançada através do trabalho com o cinzel.

Apesar da grande exportação ainda nos sobrava muito jacarandá para a fabricação dos nossos móveis que procuravam seguir à risca os modelos da metrópole. Assim, encontramos citados numerosos bufetes, mesas, leitos, catres, contadores e espreguiceiros

ros, onde os "retorcidas e os torneados" compunham a decoração da época. Como este tipo de decoração já se tornaria característica do mobiliário português desde meados dos seiscentos, e continuou a ser utilizada durante o Sec. XVIII, sobretudo em alguns tipos de móveis como os bufetes, os leitos e nas trepes dos contadores, não é de se estranhar que encontrem nos inventários da 1<sup>a</sup> metade deste século, a seguinte descrição: "um leito de jacaranda torneado, moda antiga, muito velho, com seo colxam de lam do Reino". ou ainda "um bufete de jacaranda de seis palmos, com coatro gavetas e pés retorcidos, muito velho...

A madeira branca é largamente citada na confecção de quase todas as espécies do mobiliário, sobretudo os mais rústicos, de uso doméstico e popular tais como: mesas, estrados, tamborettes, caixas, banquinhas, cabildes, oratórios, guarda-roupas e almarios. Os "almarios" figuram ao lado das caixas como trastes obrigatórios, ainda que poucos numerosos e confeccionados na maioria das vezes em madeira branca, pintada ou não, e poucos exemplares encontramos em jacarandá ou vinhático, e nestes casos "com suas portas almofadadas".

Contracenando com a madeira branca temos finalmente um material raro entre nós por ser importado da Índia, ou seja, os contadores de "xaram", sem esquecer as duas arcas já mencionadas. Além destes aparecem também os contadores marchetados de marfim e madeiras exóticas (ébano, teca, sissô) também da mesma procedência.



BIBLIOGRAFIA DE MÓVEIS PORTUGUESES

- 01 - AGUIAR, Antonio de - *MOBILIARIO DO SEC.XVIII - achega para o seu estudo.* in: separata da Revista "Ocidente". V. XLVIII. Lisboa.
- 02 - BARREIRA, João - *ARTES DECORATIVAS.* Vol.I (pags.359-394). Lisboa.
- 03 - BOTTINEAU, Yves - *LE GŔUT DE D. JEAN V: art et gouvernement.* (artigo) in revista "Bracara Augusta. Vol. XXVII, nº 64. Braga, 1973.
- 04 - BRITO, Nogueira de - *O NOSSO MOBILIÁRIO.* Ed. Lello & Irmão. Porto
- 05 - CARVALHO, Ayres de - *D. JOÃO V E A ARTE DE SEU TEMPO.* Vol I
- 06 - GUERRA, Luis Bivar - *INVENTÁRIOS DE SEQUESTROS DAS CASAS DE TÁVORA E ATOUGUIA, em 1759.* Ed. Arquivo do Tribunal de Contas. Lisboa. 1952.
- 07 - GUIMARÃES, Alfredo - *MOBILIÁRIO ARTÍSTICO PORTUGUÊS: elementos para a sua história.* 2 Vols. Guimarães, 1935
- 08 - GUIMARÃES, Alfredo - *MOBILIÁRIO DO PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA.* Ed. Sá da Costa. Lisboa.
- 09 - LANGHANS, Frans Paul - *AS CORPORAÇÕES DOS OFICIAIS MECÂNICOS; subsídios para a sua história.* 2 VOLS. Imprensa Nacional de Lisboa, 1943.
- 10 - LANGHANS, Frans Paul - *AS ANTIGAS CORPORAÇÕES DOS OFICIAIS MECÂNICOS E A CÂMARA DE LISBOA.* Revista Municipal, Lisboa. 1942 (separata dos nºs 7, 8 e 9).
- 11 - LOPES, Carlos Silva - *A CÔMODA - o móvel e o nome.* (artigo) do "O primeiro de janeiro" de 7/5/1966.
- 12 - NASCIMENTO, J.F. da Silva - *LEITOS E CAMILHAS PORTUGUESES* Lisboa. 1952.
- 13 - PINTO, Augusto Cardoso; NASCIMENTO, J.F.da Silva - *CADEIRAS PORTUGUESES.* Lisboa. 1952.
- 14 - PINTO, Augusto Cardoso - *UMA CADEIRA BRASILEIRA.* separata do Instituto de Alta Cultura. Lisboa. 1952.

- 15 - PINTO, Maria Helena Mendes - *RELAÇÕES ENTRE O MOBILIÁRIO PORTUGUÊS E ESTRANGEIRO*. Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga. 1966. Vol. V, nº 2.
- 16 - PINTO, Maria Helena Mendes - *SIGNED AND DATED EXAMPLES OF EIGHTEENTH CENTURY PORTUGUESE FURNITURE* (artigo) in Revista Apollo - abril 1973 - nº 134.
- 17 - PINTO, Maria Helena Mendes - *MÓVEIS*. Catálogo da Exposição Artes Decorativas Portuguesas - Secs. XV-XVIII Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa 1979.
- 17 - PINTO, Maria Helena Mendes - *JOSE FRANCISCO DE PAIVA - ensamblador e arquiteto do Porto, 1744-1824*.
- 18 - RAU, Virginia - *INVENTÁRIO DOS BENS DA RAINHA DA GRÃ-BRETANHA, D. CATARINA DE BRAGANÇA*. Lisboa, 1947.
- 19 - SANDÃO, Arthur de - *O MÓVEL PINTADO EM PORTUGAL*. Barcelos, 1968.
- 20 - SANTOS, Reynaldo dos - *HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL*. Vol. III (pags 372 à 404).
- 21 - SANTOS, Reynaldo dos - *OITO SÉCULOS DE ARTE EM PORTUGAL*. Vol. III.
- 22 - SILVA, Maria Madalena Cagival - *"MOBILIER INDO-PORTUGAIS"* In: Styles, Meubles et Dec r.
- 23 - SMITH, Robert - *THE ART OF PORTUGAL*. (Capítulo 7 - The Furniture) Londres. New York. 1968.
- 24 - SMITH, Robert - *CADEIRAS PORTUGUESAS*. Lisboa 1968.
- 25 - SMITH, Robert - *A TALHA EM PORTUGAL*. Livro Horizonte. Lisboa. 1962.
- 26 - SMITH, Robert - *PORTUGUESE PAINTED CHAIRS* - (artigo) in Revista "Antiques", junho 1963.
- 27 - SMITH, Robert - *AGOSTINHO MARQUES, enzambraador da Cônega*. Barcelos, 1974.
- 28 - SOUZA, Maria Teresa Andrade e - *INVENTÁRIO DOS BENS DO CONDE DE VILA NOVA, D. LUIS DE LENCASTRE, 1704*. Separata do Instituto de Alta Cultura, 1956.
- 29 - TÁVORA, Bernardo Ferrão Tavares e - *CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE AMBIENTES PORTUGUESES DOS SECS. XVI à XIX*. Porto, 1969.

BIBLIOGRAFIA DE MÓVEIS BRASILEIROS

- 01 - ALVES, Marieta - *SANTA CASA DE MISERICÓRDIA E SUA IGREJA*. Salvador, 1952.
- 02 - ALVES, Marieta - *NA BERLINDA, OS MARCENEIROS*. (artigo). Jornal "A Tarde", Salvador, 26/1/59.
- 03 - ALVES, Marieta - *ENTALHADORES DO SEC. XVIII NA BAHIA*. (artigo) Jornal "A Tarde" 28/4/58. Salvador.
- 04 - ALVES, Marieta - *REMANESCENTES NA BAHIA DO ESTILO BARROCO: TALHAS E ALFAIAS*. (artigo) revista Universitas jan/abril, 1969. Universidade Federal da Bahia.
- 05 - ALVES, Marieta - *DICIONÁRIO DE ARTISTAS E ARTÍFICES NA BAHIA*. Salvador. 1976.
- 06 - ALVES, Marieta; SMITH, Robert; OTT, Carlos e RUY, Afonso *HISTÓRIA DAS ARTES NA CIDADE DO SALVADOR*. Salvador. 1967.
- 06 - BARATA, Mário - *"OS MÓVEIS DO BRASIL COLONIAL"* - (artigo) in *Cultura Política*, Rio, maio 1944 nº 40
- 07 - BARROSO, Gustavo - *"CLASSIFICAÇÃO GERAL DE MÓVEIS ANTIGOS"* (artigo) in: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial. 1947. Vol.IV.  
- *"O MOBILIÁRIO LUSO-BRASILEIRO"* (artigo) in *Anais do Museu Histórico*. 1940.
- 08 - BARRETO, Paulo Thedin - *CASA DE COMARCA E CADEIA*. (artigo) in *Revista do I.P.H.A.N.* nº 11.
- 09 - BOTELHO, Nilza - *SERPENTINAS E CADEIRINHAS DE ARRUAZ*. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Vol. IV, 1947. Rio de Janeiro.
- 10 - COSTA, Lucio - *NOTAS SOBRE A EVOLUÇÃO DO MOBILIÁRIO LUSO-BRASILEIRO*. (artigo). *Revista do S.P.H.A.N.* nº 5. Rio de Janeiro, 1939.  
- *CATÁLOGO DEL ARTE LUSO-BRASILEIRO EN EL RIO DE LA PLATA - BUENOS AIRES* - Museu Nacional de Arte.
- 11 - CANTI, Tilde - *O MÓVEL NO BRASIL* (no prelo).
- 12 - DIAS, Helcia - *O MOBILIÁRIO DOS INCONFIDENTES* (artigo). Re

vista do S.P.H.A.N. nº 3. Rio de Janeiro. 1939.

- 13 - GUERRA, Duval - *ALBUM DAS CURIOSIDADES ARTÍSTICAS DA BAHIA*, 1928.
- 14 - EDELWEISS, Frederico - *A SERPENTINA E A CADEIRINHA DE ARRUAR* (achegas históricas) U.F.BA, 1968.
- 15 - FALCÃO, Edgard Cerqueira - *RELÍQUIAS DA BAHIA*. Gráfica Romiti & Lanzaro. São Paulo, 1940.
- 16 - FLEXOR, Maria Helena Ochi - *MOBILIÁRIO BRASILEIRO: Bahia*. Ed. Espade. São Paulo. 1978.
- 17 - FLEXOR, Maria Helena Ochi - *OFICIAIS MECÂNICOS NA CIDADE DO SALVADOR*. Prefeitura Municipal. 1974.
- 18 - LESSA, Clado Ribeiro de - *MOBILIÁRIO DOS TEMPOS COLONIAIS* (artigo) in: *Estudos Brasileiros*. nº 6 Ano I, 1939 Rio de Janeiro.
- 19 - LISBOA, Balthazar da Silva - *RIQUEZAS DO BRASIL EM MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO E CARPINTARIA*. (artigo) Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia nº 52 1926.
- 20 - MARIANO FILHO, José - *MOBILIÁRIO COLONIAL BRASILEIRO; acerca do mobiliário chamado D. João V e seu processo de racionalização no Brasil*. (artigo) in *Estudos de Arte Brasileira - s/d*. Rio de Janeiro (p.56 a 60).
- 21 - MARIANO FILHO, José - *O VERDADEIRO MOBILIÁRIO CIVIL. D. JOÃO V BRASILEIRO E AS TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS FORA DA SUA ÉPOCA HISTÓRICA* (artigo) in: *Estudos de Arte Brasileira*. s/d. Rio de Janeiro, p.75-80.
- 22 - OTT, Carlos - *A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DA CIDADE DO SALVADOR*. Publicação do I.P.H.A.N. nº 21. Rio de Janeiro. 1960.
- 23 - PINHO, Wanderley - *HISTÓRIA DE UM ENGENHO DO RECÔNCAVO . 1552-1944*. Rio de Janeiro. Zelio Valverde. 1946.
- 24 - PINHO, Wanderley - *TESTAMENTO DE MEM DE SÁ*. Imprensa Nacional. Rio 1941.
- 25 - PINHO, Wanderley - *MOBILIÁRIO, VESTUÁRIO, JÓIAS E ALFAIAS DOS TEMPOS COLONIAIS* (artigo) in *Revisão do IPHAN*. nº 4. Rio de Janeiro.

- 26 - PINHO, Wanderley - *COTEGIPE E SEU TEMPO*. Cia. Edit. Nacional, São Paulo. 1937.
- 27 - *REVISÃO DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL*. "Mobiliário Nacional; documentação foto-gráfica". Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, nº 1.
- 28 - RODRIGUES, J. Wash - "*MOBILIÁRIO*". In: *As Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, 1952.
- 29 - RODRIGUES, J. Wash - *MOBILIÁRIO DO BRASIL ANTIGO; evolução das cadeiras luso-brasileiras*. São Paulo, Edit. Nacional, 1958.
- 30 - RODRIGUES, J. Wash - *MÓVEIS ANTIGOS DE MINAS GERAIS* (artigo) *Revista do I.P.H.A.N.* Rio de Janeiro. Vol.7 1943.
- 31 - RODRIGUES, J. Wash - *A CASA DE MORADA NO BRASIL ANTIGO*. *Revista do I.P.H.A.N.* Rio de Janeiro, nº 9. 1945.
- 32 - SANTOS, Francisco Marques dos - "*O LEITÃO DO PAÇO DE SÃO CRISTOVÃO*" (artigo) in *Anuário do Museu Imperial, Petrópolis. Ministério da Educação e Saúde. 1940. Vol. I.*
- 33 - SANTOS, José de Almeida - *O ESTILO BRASILEIRO D. MARIA OU COLONIAL BRASILEIRO*. (artigo) in *Revista do IPHAN* Rio de Janeiro. 1942. nº 6.
- 34 - SANTOS, José de Almeida - "*MOBILIÁRIO ARTÍSTICO BRASILEIRO*". São Paulo. 1944.
- 35 - SANTOS, José de Almeida - "*MOBILIÁRIO*" (artigo) in *Manual do Colecionador Brasileiro*. São Paulo, Martins. 1956.
- 36 - SANTOS, José de Almeida - *O ESTILO BERANGER*. (artigo) in: *Arquivos. Prefeitura Municipal do Recife.* nº 1-2.
- 37 - SANTOS, Noronha A. - *UM LITÍGIO ENTRE MARCINEIROS E ENTALHADORES NO RIO DE JANEIRO*. (artigo) in: *Revista do I.P.H.A.N.* Rio de Janeiro. 1942, nº 6.
- 38 - SARMENTO, Terezinha de Moraes - "*UM PREGUIÇOSO NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL*" (artigo) in *Anais do Museu Histórico Nacional. Vol. XXI. 1964.*

39 - SMITH, Robert - *BRASILIAN COLONIAL SACRISTY CUPBOARDS AND CABINETS*. (artigo) in: *Connoisseur*, agosto de 1971.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- 01 - ARONSON, Joseph - *THE ENCYCLOPEDIA OF FURNITURE*. New York Crown Publishers, 1938.
- 02 - ASUÁ, Miguel de - *EL MUEBLE EN LA HISTÓRIA*. Ed. Voluntad Madrid. 1931.
- 03 - AUGEL, Moema Parente - *VIAJANTES ESTRANGEIROS NA BAHIA OI TOCENTISTA*. (Tese de mestrado - Universidade Federal da Bahia - 1975.
- 04 - CARVALHO, Ayres de - *D. JOÃO V E A ARTE DE SEU TEMPO*. 2V. Mafra, 1962.
- 05 - CALMON, Pedro - *HISTORIA DO BRASIL*. 7 v. Ed. José Olympio Rio de Janeiro 1959.
- 06 - CARDIM, Fernão - *TRATADO DA TERRA E A GENTE DO BRASIL*. Coleção Brasileira, 1<sup>a</sup> edição.
- 07 - CLARET, Rubira José - *MUEBLES DE ESTILO INGLES Y SU INFLUENCIA EN EL EXTERIOR...* Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1967.
- 08 - CLARET, Rubira José - *MUEBLES DE ESTILO FRANCES DESDE EL GÓTICO HASTA EL IMPERIO*. Barcelona Ed. Gustavi Gili, 1966.
- 09 - FEDUCHI, Luis - *HISTORIA DEL MUEBLE*. Ed. do Autor. Madrid 1946.
- 10 - FREYRE, Gilberto - *CASAS DE RESIDÊNCIA NO BRASIL*: in Tradução (artigo) In: Revista do S.P.H.A.N. Rio de Janeiro, 1943, nº 7.
- 11 - FREYRE, Gilberto - *SOBRADOS E MUCAMBOS*. 2V. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
- 12 - FREYRE, Gilberto - *OH DE CASA!* Artenova, Recife 1979.
- 13 - GAUTHIER, J. Stany - *LA CONNAISSANCE DES STYLES DANS LE MOBILIER*. Editions d'Art Charles Moreau. Paris. 1977.
- 1 - GRAHAM, Maria - *DIARIO DE UMA VIAGEM AO BRASIL, E DE UMA ESTADA NESSE PAÍS DURANTE PARTE DOS ANOS 1821, 1822 E 1823*. Tradução e notas de Americo Jacobina La-

combe. São Paulo. Comp. Edit. Nacional 1956.

- 15 - HARRISON, Molly - *PEOPLE AND FURNITURE*. London, Ernest Benn Limited - 1971.
- 16 - HAYWARD, Charles H. - *ENGLISH PERIOD FURNITURE*. Evans Brothers Limited - London 1959.
- 17 - JANNEAU, Guillaume - *LE MOBILIER FRANÇAIS - Les Sièges*. Ed. Jacques Fréal, Paris 1974.
- 18 - MATTOSO, Katia M. de Queirós - *BAHIA: ACidade do Salvador e seu Mercado no Sec. XIX*. Editora Hucitec Ltda . São Paulo, 1978.
- 19 - MELO, Leitão C. de - *O BRASIL VÍSTO PELOS INGLESES*. São Paulo. Comp. Editora Nacional, 1937.
- 20 - D. PEDRO II - *DIARIO DA VIAGEM AO NORTE DO BRASIL* - Livraria Progresso Editora, Salvador 1959.
- 21 - PINHO, José Wanderley de Araújo - *SALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO*. São Paulo, Livraria Martins, 1959.
- 22 - STYLES, MEUBLES, décors, du Moyen Age au Louis XV. Vol. I
- 23 - STYLES, MEUBLES, décors du Louis XVI à nos jours Vol. II (vários autores - direção de Pierre Verlet). Librairie Larousse 1972, Paris.
- 24 - SALVADOR, Frei Vicente do - *HISTORIA DO BRASIL 1500/1627*. Edições Melhoramentos. São Paulo.
- 25 - SOUZA, Gabriel Soares de - *TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL, 1587*. Coleção Brasileira, 3<sup>a</sup> edição.